

ILUSTRAÇÃO



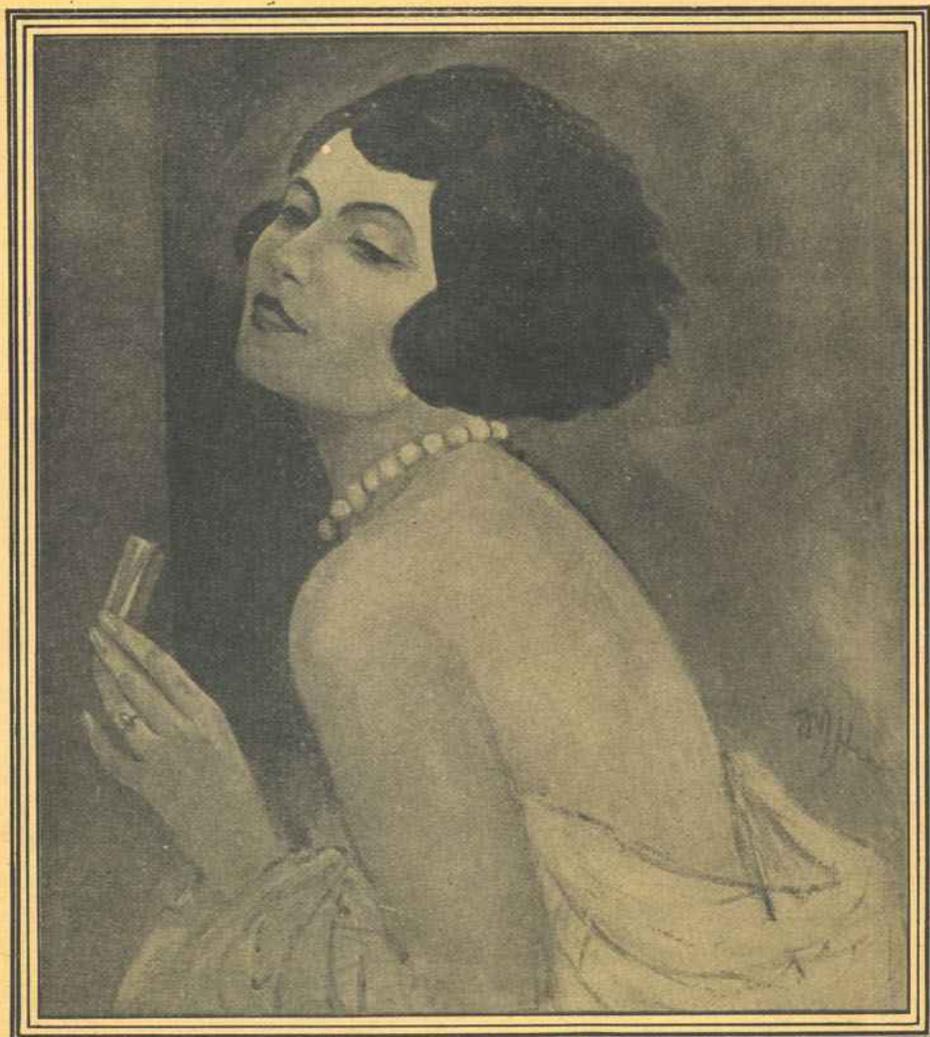
5.º ANO
NÚMERO 97

Lisboa, 1 de Janeiro de 1930

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00



V
E
R
A
M
O
N

60334604

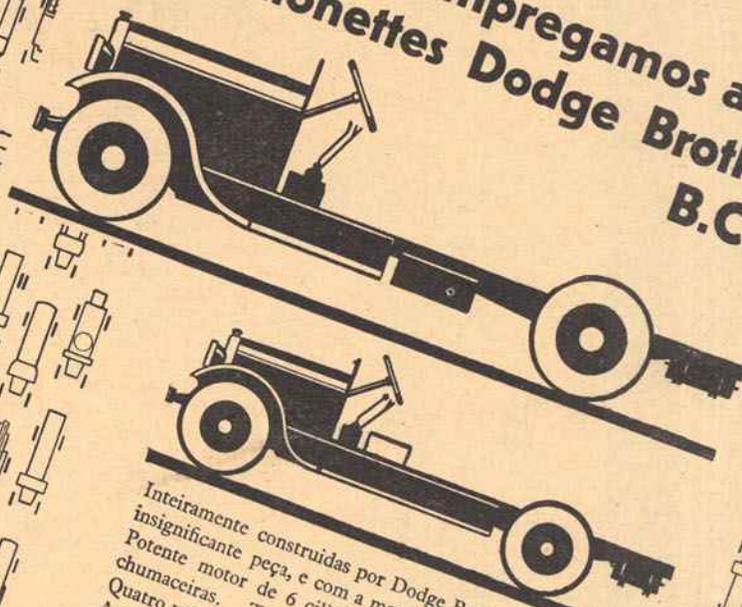


Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

**"Nós empregamos agora
18 Camionettes Dodge Brothers"
B.C.S.**



Inteiramente construídas por Dodge Brothers, desde a mais insignificante peça, e com a mestria de uma longa practica. Potente motor de 6 cilindros com cambota apoiada em 7 chumaceiras. Travões hidraulicos, internos, às 4 rodas. Quatro velocidades. Chassis reforçado de aço temperado. As principais peças são todas de aço cromo vanadio, 3 vezes mais resistente do que o aço ordinario.

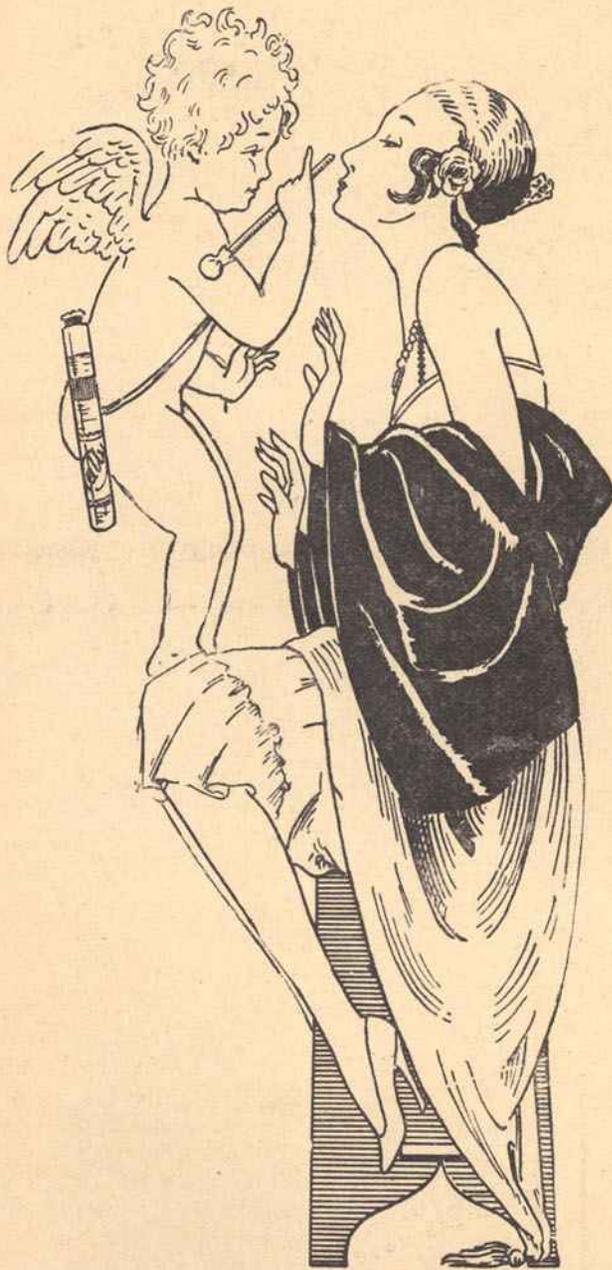
As camionettes DODGE BROTHERS, antigamente conhecidas por GRAHAM BROTHERS, são construídas para capacidades varias, respondendo a 95% das necessidades em transportes mecanicos. Numerosos modelos de carroserie—um tipo para cada especialidade.

Pedir todas as informações aos representantes de Dodge Brothers. Eles vos mostrarão uma camionette que vos dará os melhores resultados com um minimo de despeza.

**CAMIONETTES
DODGE BROTHERS**
 BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA
 DODGE BROTHERS' TRUCKS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

GAVOTTE DE NALLY

O PERFUME DA GRANDE MODA!



O simbolismo da gravura é deveras sugestivo. Cupido, filho de Venus, deusa da Beleza e, por sua vez, deus do Amor, propõe-se tornar mais linda uma mulher linda, que para êsse fim lhe confia o rôsto sedutor!

Evidentemente o amor é um estímulo: à sua aproximação, durante a sua dilatada ou reduzida permanência nos corações, alegram-se os sorrisos, o olhar tem scintilações até então desconhecidas; mesmo as mulheres menos favorecidas pelo Criador em encantos e atractivos, redobram de seduções, tal o poder da alegria de se sentirem amadas, que lhes arranca da alma, para as trazer à flôr do rosto, às pupilas dilatadas pelo prazer, fulgurações de ternura, promessas de ignoradas carícias...

E aquilo que lhes não ensina o seu natural instinto de agradar, o Amor, o travesso e volúvel Amor, encarrega-se de lho desvendar.

De resto, tôda a mulher tem obrigação de ser bonita, de empregar os maiores esforços para o ser ou, pelo menos, parecer...

Compreende-se que para as menos contempladas na partilha de encantos, seja mais árdua e difícil a tarefa, mas, mesmo as mais belas, teem por dever, pelo menos, conservar os seus atractivos, quando não possam aumentá-los.

A sciência do *boudoir* tem progredido e é hoje mais numeroso e complicado o arsenal de «coquetterie» de uma mulher elegante.

Mas tudo se consegue com boa vontade, persistência e acertada escolha dos produtos de beleza empregados.

Umás às outras, as mulheres se encarregam de recomendar determinado produto, determinada essência, que por completo justificou a predilecção que lhe dispensaram.

As marcas verdadeiramente boas aparecem, ficam, elevam-se cada vez mais no conceito da inumerável falange das mulheres que querem ser bonitas, e para isso dispensam assíduos cuidados ao culto da Beleza.

É o caso dos produtos da famosa marca de Nally.

Não foi sem uma espirituosa e bem achada intenção que o artista que ilustrou esta página substituiu o carcás de Cúpido e as conhecidas setas, por um tubo de essência de Nally, tal o poder de sedução e encantamento de que julga capazes êsses insubstituíveis auxiliares da mulher na conservação ou conquista das joias mais preciosas que a natureza lhes entregou.

Nem ela precisa procurar, nem vacilar na escolha.

Nally é a marca ideal. Quer seja perfume, pasta, *baton*, *rouge* para os lábios ou verniz para as unhas, Nally é sempre a melhor, nunca

excedida, sem probabilidades de ser suplantada por outra qualquer marca!

Quantas modalidades o seu criador lhe imprime, tôdas triunfam, — são consecutivos degraus para uma ascensão gloriosa!

É disso prova irrefutável a nova série, lindamente apresentada e que obteve, desde o seu aparecimento, um incontestável triunfo: **GAVOTE DE NALLY.**

CHOCOLATE DE LEITE SUISSO
COM MEL E AMENDOA



O MAIS SABOROSO
E NUTRITIVO

GRANDE NOVIDADE LITERARIA

"CAMINHOS DA VIDA"

É o título de um dos mais famosos livros ultimamente publicados em Portugal.

Contendo catorze admiráveis contos, esta obra constitui um dos mais interessantes brindes do Natal, uma obra que deve figurar nas estantes de todas as mulheres da nossa terra.

PREÇO 8\$00

À VENDA NA LIVRARIA
DO DIARIO DE NOTICIAS
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

HISTORIA DE PORTUGAL

DE

ROCHA MARTINS

Edição da Empresa Nacional de Publicidade
(«Diario de Noticias»)

O 1.º tomo desta magnífica obra
sai no mês de Janeiro, encerran-
do-se brevemente a assinatura

*As condições para possuir este com-
pletíssimo compendio de Historia Pa-
tria são as seguintes: 30\$00 de uma
só vez, facilitando-se o pagamento em
duas prestações, por 17\$50 cada uma
ou cinco de 7\$50*

Todos os pedidos de assinatura
devem ser dirigidos
ao «DIARIO DE NOTICIAS»
às suas sucursais ou a qualquer livraria

GRANDE NOVIDADE LITERARIA

O melhor presente para todas as crianças portuguesas

FABULAS E HISTORIETAS

DE

ACACIO DE PAIVA

É o livro mais sensacional que ainda apareceu
em Portugal para os pequeninos

Versos de uma simplicidade encantadora e maravilhosas
ilustrações de Vasco Lopes de Mendonça

PREÇO 12\$50

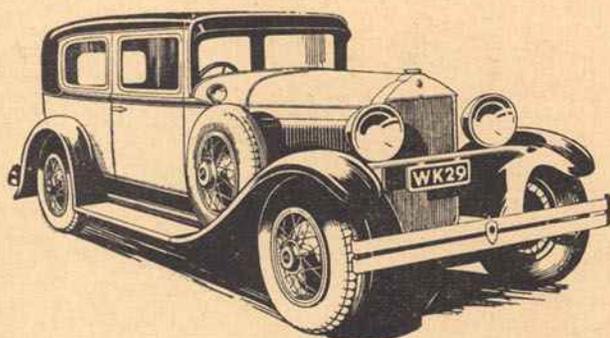
À venda na Livraria do DIARIO DE NOTICIAS
Largo Trindade Coelho, 10 e 11

BRANDO



E

SUA VE



Como o murmúrio de um segredo o Willys Knight desliza, brando e suavemente, indiferente à estrada, sempre silencioso.

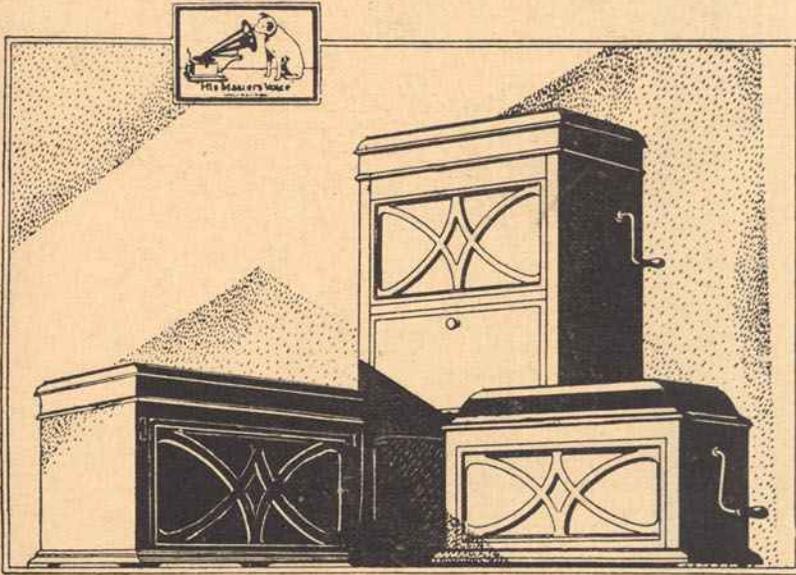
O seu motor de seis cilindros assegura a velocidade e os seus poderosos freios a segurança. Tem contorno, beleza e facilidade de condução — é um carro excepcional.

Veja-o para reconhecer a sua real beleza, ande nele para reconhecer o seu conforto, conduza-o para conhecer o prazer que somente um carro sem válvulas pode dar. Peça detalhes.

WILLYS KNIGHT

STAND WILLYS KNIGHT
RUA SERPA PINTO N.º 4 (AO CHIADO) - LISBOA

Escolha para presente de Natal um destes três novos modelos



As três grandes criações da "His Master's Voice"

Por menos dinheiro um gramofone melhor...

DE um lado e outro, os modelos de mesa números 104 e 130, elegantíssimos de aspecto e com optimas condições de reprodução; vão munidos de uma nova câmara acústica «His Master's Voice», com braço girando sobre esferas e diafragma numero 5-A. O modelo numero 104 (máquina de uma corda): em mogno, Esc. 1.500\$00; em carvalho, Esc. 1.400\$00. O numero 130 (máquina de duas cordas): em mogno, Esc. 2.000\$00; em carvalho, Esc. 1.800\$00.

O aparelho vertical numero 145 tem todas as qualidades dos grandes aparelhos verticais. O movel, mais simples e mais pequeno, permite que se ofereça o aparelho a um preço mais baixo: em mogno, Esc. 3.000\$00; em carvalho, Esc. 2.800\$00.

Nestes três modelos, embora pequenos, a sonoridade e clareza de reprodução não destoam das dos grandes. Quem receber como presente um aparelho destes, nunca mais o esquecerá, pois nunca deixará de o ouvir. E quem o comprar para si, compreenderá que de ha muito lhe faltava esse atractivo espiritual na sua sala e para as suas festas.

Visite a casa mais próxima, onde se vendam os aparelhos «His Master's Voice», e peça uma audição dos seus discos predilectos.

“His Master's Voice”

GRANDE BAZAR DO PORTO, LDA.

Lisboa

Rua Augusta, 150-152

Porto

Rua de Sta. Catarina, 192-198

1929! UM ANO DE TRIUNFOS

NAS CINCO GRANDES
PROVAS PRÁTICAS
PARA CARROS DE SÉRIE,
TODOS OS VENCEDORES
USARAM

**GASOLINA
E ÓLEO
SHELL**



TOURING TROFEU DE ULSTER

—
GRANDE PRÉMIO DE MANS
(24 HORAS)

—
GRANDE PRÉMIO DE DUBLIN

—
6 HORAS DE BROOKLAND

—
24 HORAS DE BROOKLAND



SE QUIZERDES TRIUNFAR TAMBEM EM

1930

USAI SÓ PRODUTOS

SHELL

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.ª

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA

*Deseja aos seus-Ex.ººº clientes muito boas festas
e um novo ano cheio de prosperidades.*

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Provisão)

Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 97

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:

JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:

EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE

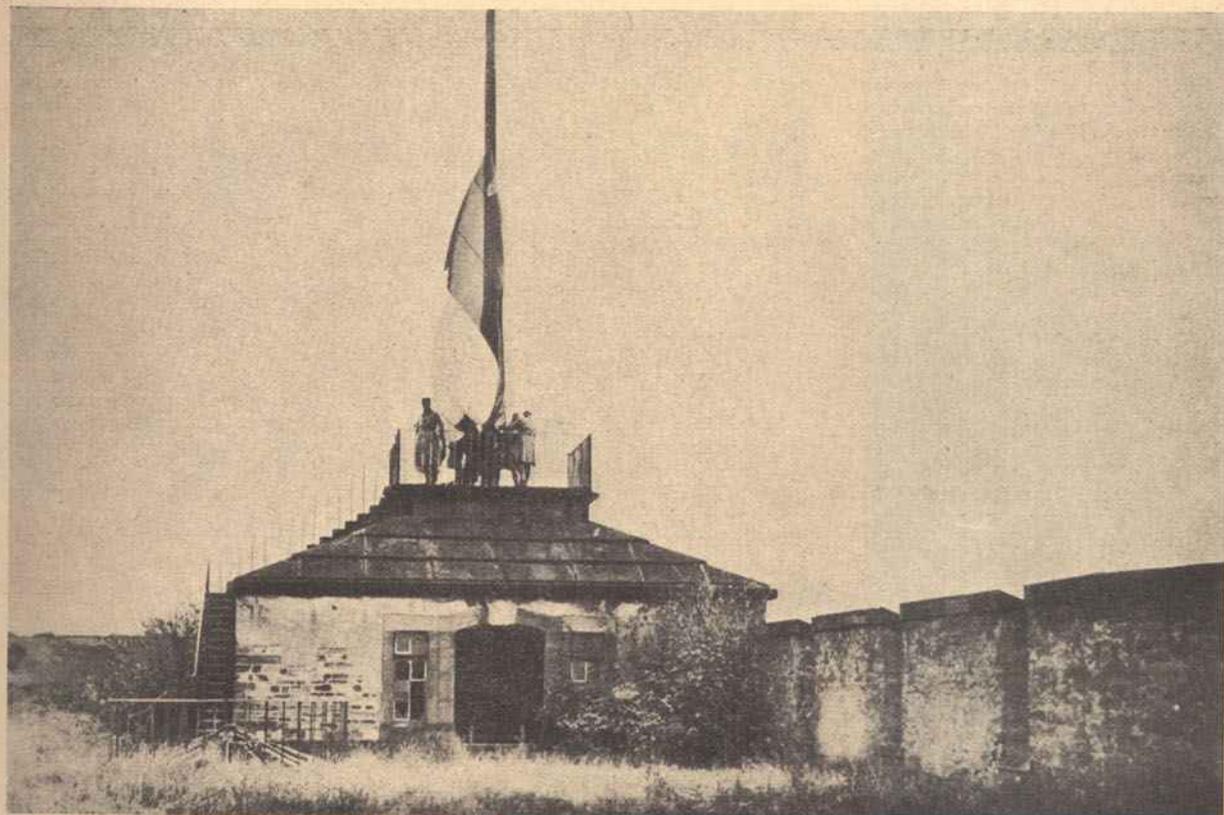
E
AILLAUD LTD. *

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef. : T. 821 a 824

1 DE JANEIRO DE 1930



A EVACUAÇÃO DA RENÂNIA PELAS TROPAS ALIADAS

(Fotos Orrios exclusivas de «Ilustração».)

AS NOSSAS FOTOS REPRESENTAM DOIS MOMENTOS HISTÓRICOS DA MAIS ALTA IMPORTÂNCIA MUNDIAL, QUIÇÁ DOS MAIS IMPORTANTES PARA A PAZ DO MUNDO. TENDO OS GOVERNOS ALIADOS DECIDIDO FAZER CESSAR AS PRISÕES MILITARES QUE OS FAZIAM CONSERVAR CONTINGENTES DE POLÍCIA E VIGILÂNCIA EM GRANDES ZONAS DO TERRITÓRIO ALEMÃO, INICIOU-SE A EVACUAÇÃO DA RENÂNIA ENTRE O COMOVIDO ENTUSIASMO DAS POPULAÇÕES. EM CIMA: — ARRIBANDO A BANDEIRA FRANCESA NOS FORTES DE COBLENZA, PARA DE NOVO SER IÇADA A BANDEIRA ALEMÃ. EM BAIXO: — A ÚLTIMA CONTINÊNCIA DAS TROPAS DE OCUPAÇÃO À BANDEIRA QUE DESCE SOLENEMENTE NO ALTO DA FORTALEZA. À FRENTE DAS TROPAS VÊ-SE O PRESIDENTE DA COMISSÃO DO RENO, PAUL TIRARD, E O COMANDANTE EM CHEFE DOS CONTINGENTES, O GENERAL TREVENET.



CRONICA DA QUINZENA

Porque é patriota? Se chamássemos alemão, inglês, francês, de cultura mediana, a depôr, a resposta seria idêntica à do abexim, do sérvio, do chinês, enquanto o tema ficasse circunscrito à lógica dos sentimentos. Cada um, com efeito, penetrado da significação imediata de *vaterland*, certificaria que ama a pátria porque é o seu bérço, foi bérço, casa e cova dos pais e avós. Além dêste amor puro, religioso, estancado no coração, declararia amá-la ainda, dando voz ao orgulho e desvanecimento, pela perspectiva de feitos gloriosos e homens admiráveis que, voltando olhos ao passado, oferece a sua grei. Tudo o que ela fêz ou riscou com a enxada, a pena, o gládio, constitui património seu; o que há de mais eterno na sua personalidade psíquica ou social vem dela; a legião imensa dos seus mortos são as raízes, tronco, ramos da árvore viridente de que êle os irmãos de sangue são flor e fruto. Onde quer que vá, está investido dos pergaminhos da raça; ela o identifica; primeiro que êle a represente, representa-o ela.

Tôdas estas razões de ternura, devoção, coincidem na bôca do inglês ou do turco. Para cada um, a sua pátria é a mais nobre, a que apresenta melhores títulos ao reconhecimento da humanidade, a que conta homens de estatura inultrapassável. Nenhuma é inferior a outra, ainda que a civilização mais lhe não deva que o *fil à couper le beurre*, pois que acontece com as nações o que acontece com os indivíduos, serem ou tornarem-se indolentes, obtusas, ralaças, parasitárias de segundas. Medidas, porém, à craveira da história, nenhuma se reconhece subalterna; tôdas têm sábios certos ou imaginados para opôr a sábios, artistas veros ou sonhados para opôr a artistas, glória para dar e vender à mais enfundadamente gloriosa.

A noção abstrata, no conceito da pátria, sucede inductivamente a noção objectiva de natureza. Ama-se de amor ideal pelo que ela foi, como as boas almas amam o Céu pelo que promete ser. Ama-se também com os olhos, subentendendo-se que se tem dela conhecimento geográfico. O homem primário limitar-se há a identificá-la com a pátria pequenina que é a sua vida e termo. Nesta plana, fala ainda o sentimento, e as razões do alemão, do inglês, do abexim ou do persa, são equivalentes. A terra de cada um não tem rival em agrados e formosura. Para o alemão a neve é mais poética que o sol forte do sul; mais poético que o sol do ocidente é para o sueco o sol da meia-noite. Esta possui o mar imenso, aquela a montanha magestosa; uma o céu azul, outra a perene primavera. Testemunham gostos, hábitos adquiridos, temperamentos, e sem dúvida que os esquimós sus-

tentariam contra o habitante da Ilha da Madeira a tese de prevalência.

Arredado da controvérsia o panorama político-social, pois que neste terreno movediço não há o consenso dos próprios patriotas, queda o indivíduo frente à sua raça, à sua nação, a falar de per si com ela.

Porque é patriota? Responderia, por exemplo, o inglês:

—Porque onde quer que eu esteja, onde quer que eu vá, sinto comigo, tornando-me forte, respeitável, a solidariedade de cinquenta milhões de almas da minha raça. Na China sangüinária, nas Américas inquietas e perigosas, na África traiçoeira, o ôlho atento do «leopardo» segue-me e observa-me. Se me perco, as autoridades do meu país pôr-se hão em campo e não repousam até me achar vivo ou morto. Se me fazem o mínuimo agravo, me tocam num cabelo da cabeça, e o agressor está ao alcance da garra, paga-o com língua de palmo. Respondem por isso os cem e um coraçoados de Sua Magestade Graciosa. A minha pátria é o meu escudo.

É acrescentará, soberbo:

—Em compensação, sou célula viva, activa, do meu país. Sou-lhe necessário como êle me é necessário. Se falta, momentâneo embora, fica um vácuo. Sou unidade que conta. Se amanhã cometo um crime, encaremos a hipótese, o organismo imenso de que faço parte, eliminar-me há apenas depois de demorado e circunspecto exame. Gratuita, arbitrariamente, não me suprime. Na mecânica biológico-social do povo inglês sou uma peça útil. Porque não seria fervente patriota se a minha pátria constituía a minha força, a minha defêsa, a minha liberdade?

De par com êle, o francês podia falar a mesma linguagem de entono e de ufania e aduzir:

—Sou patriota por tôdas essas razões e mais uma: os meus concidadãos, pela palavra, pelo livro, pelo jornal, não me amesquinham, de contrário procuram engrandecer-me. A pátria faz-se da grandeza dos indivíduos e, da reversão desta grandeza, elevando-se êles por sua vez, todo o nosso afan é pouco para nos enaltecermos. Há, entre nós, uma palavra instintiva de passe: *o francês acima de tudo*. Morreu há dias Foch, ontem Clemenceau. Empenhamo-nos logo em tecer a sua legenda. Que um era isto, outro aquilo... Guardamos apenas memória das

suas virtudes. Estas sublimamo-las tanto que, daqui a algumas gerações, serão no conceito universal grandes como César, como Richelieu, e ninguém se aperceberá mais de suas estaturas comuns. Estatificamos a tôrto e a direito, porque isso convenha à exaltação da pátria. Como não ser patriota, se a pátria me magnifica?

—No fundo do meu peito arde o amor pátrio—diria um chinês—mas êste amor é, como o fogo no centro do globo, ingênito à minha própria constituição. Alimenta-se, por assim dizer, do meu seio. Entre os meus concidadãos não se sabe o que seja solidariedade. Dentro da nossa terra somos hienas uns para os outros; por espírito de ganhuça, um, cinco, dez, não hesitarão em esfomear uma província inteira. Caem por milhares da tísica e da peste os meus irmãos e ninguém se importa. As facções, raziam, tributam, e a vida tornou-se tão insuportável que a população se vai espalhando pelo vasto mundo, como outrora a raça maldita de Deus. Foi como se um vento desabalado soprasse sobre a velha terra e projectasse os homens, quais palhas, aos quatro pontos. Ei-los que enxameiam burgos e campos, exercendo os mais rudes e ingratos misteres. Distinguem-nos, acima de tudo, pelos andrajos que vestem e o fedor que exalam do corpo. Dormem em poçilas com os animais. São os lázarus do século. Os mandarins, que ocupam postos diplomáticos e consulares, cobram-lhes tôda a sorte de espórtula para que possam justificar a identidade, e abandonam-nos à sorte. Uns que desertaram, outros que foram expulsos, outros que definham na mais vil escravatura, é a pátria corroída pela gangrena. Chang-Kai-Chek suprimiu inexoravelmente todos aqueles que o embaraçavam, pelo alfange do carrasco, pela bala, pelo exílio. Foi de assolação a sua obra. Diante dêle fugiram os lavradores pacíficos e laboriosos, os comerciantes causados de serem expoliados, os artistas e homens de letras que tinham dignidade mental. Entretanto, os bonzos acomodaticios continuam a ler os versículos ditados pelo divino Confúcio, os mandarins a ler em rôlos de papel-arroz as virtudes da rainha O-Pei-Fu, entre duas fumadas de ópio, os cabecilhas da guerra civil a extorquir os últimos dinheiros do pária. Quando num povo se chega ao extremo de perder o mais elementar sentimento de solidariedade entre os cidadãos, é rezar-lhe o *De profundis*. O meu patriotismo não encontra outro motivo nacional que chorar, chorar as desgraças da minha pátria e, com elas, as minhas, como os judeus no cativo de Babilônia.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

AQUILINO RIBETRO.

UM GRANDE FACTO HISTORICO

A EVACUAÇÃO DA RENANIA



EM CIMA: — O fim da ocupação militar da Renânia pelos aliados — O general Poulenc, comandante em chefe das tropas belgas de ocupação e policia, passa, pela última vez, revista aos seus homens, antes de se iniciar o histórico acontecimento da evacuação da Alemanha pelos aliados

NO OVAL, à direita: — As tropas francesas que ocupavam Coblenza, iniciam a sua retirada do território alemão, passando a ponte que conduz à estação do caminho de ferro onde vão tomar os comboios militares que as repatriarão

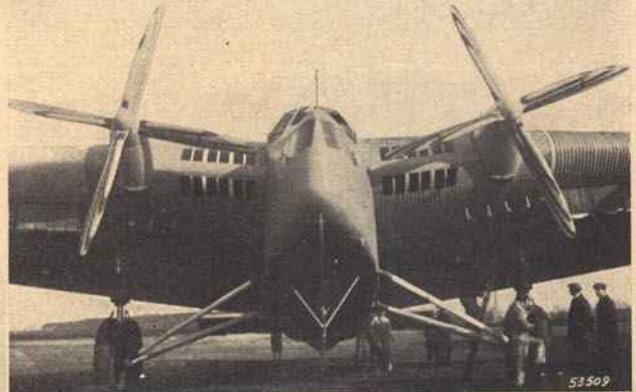
(Fotos Orriós)



A ESQUERDA: — O povo de Coblenza, na Praça Principal, descobre-se, comovido, na tarde de 1 de Dezembro, no momento em que a bandeira francesa é arreada solenemente na Casa da Câmara e içada a bandeira alemã, sinal de que desapareceram, para bem da paz futura, os últimos vestígios da vitória e da derrota

(Foto Orriós)

EM BAIXO: — Parte central e posto de comando e navegação do novo avião-gigante «Junkers G. 38», para 50 passageiros, a que a imprensa inglesa deu o nome de «Palácio Voador», e que é o maior avião de terra, com rodas, até hoje conhecido



O «Palácio Voador» tem de envergadura 45 m., de comprimento 23 m., pesa vazio 11 ton., e em ordem de voo 20 a 24 ton. A sua propulsão é feita por 4 motores «Junkers» com a força total de 2.400 HP. — O seu raio de acção é de 3.500 km. com 1 ton. de carga útil

A ESQUERDA, no oval: — O «Junkers» gigante G. 38, inteiramente metálico, em pleno voo de experiência em que obteve os mais lisonjeiros resultados, afirmando-se uma realização prática e maravilhosa, do mais alto alcance para o desenvolvimento das comunicações aéreas e consequente progresso agro-comercial



Dois aspectos das últimas cheias no rio Pavia (Vizeu), que causaram grandes prejuizos naquela região



S. Ex.^a R.^a o SENHOR BISPO DE LEIRIA no PÓRTO. — Assistência elegante à cerimónia da primeira comunhão dos meninos Duarte e Domingos, netos do sr. Comendador Gonçalves de Sá, e da menina Maria Helena Portocarrero. A cerimónia realizou-se na capela da residência do sr. Comendador Sá, sendo ministrante S. Ex.^a o Bispo de Leiria



A CHEIA DO RIO LEXA — No lugar de Milheirós, concelho da Maia, as águas, durante a noite, inundaram os vales. — Um moimho submerso donde foram salvos uma mulher e quatro criancinhas pelo buraco que se vê no telhado (x)



Os bombeiros com a mulher e as quatro criancinhas que salvaram da inundação no moimho de Milheirós (Fotos Alvaro Martins)

VIDA SOCIAL E ARTISTICA



Na Exposição do Milho. — Uma linda lavadeira, de tipo português puríssimo, com o seu pitoresco traje regional e mostrando três lindos exemplares de massarocas de milho que foram premiadas no certame

(Foto Alvaro Martins.)



A grande Exposição do Milho, no Pôrto. — O Ex.^o representante do ministro da Agricultura e outras individualidades convidadas para a inauguração, numa das salas da Exposição



Aspecto da inauguração da Exposição Colectiva, Annual, de Aquarela, Desenho e Arquitectura, na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. — Alguns expositores e jornalistas pousando para a *Ilustração*, vendo-se entre eles Alfredo Cândido, Rui Gameiro, António de Sousa, Sousa Pinto, Paulino Montez, Alfredo de Moraes, Adolfo Faria de Castro, D. Maria Adelaide Lima Cruz, Adriano Costa, capitão Meneses Ferreira, Alves Cardoso, etc. O certame conquistou um vivo êxito pelo valor de conjunto dos trabalhos apresentados

O Ex.^o Embaixador do Brasil, dr. Cardoso de Oliveira, inaugurando, no Salão Bobone, a bela exposição de desenhos, aquarelas e pastel dos jovens artistas Tom e Augusto. — S. Ex.^o tem à sua esquerda o desenhador Tom e à direita a pintora Sara Afonso, o expositor Augusto e o escultor Júlio de Sousa. Detrás do sr. Embaixador, o pintor José Tazarro e outros artistas e jornalistas

NO OVAL, em baixo: — Partida para Itália do ex-ministro daquele país em Portugal, sr. Giuseppe Bastianini, que vai ocupar idêntico posto em Atenas. O simpático diplomata com o representante do Chefe de Estado, bispo de Trajanópolis, diplomatas, jornalistas, etc.





D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA (Foto Rasteiro — Coimbra.)

O novo Patriarca de Lisboa, que acaba de receber de Sua Santidade a alta dignidade cardinalícia, tendo-lhe sido imposto o barrete de cardeal, em Roma, pelo chefe da Igreja Católica.

FIGURAS DO MOMENTO



EDUARDO GOMEZ DE BAQUERO
(ANDRÉNIO)

NOTABILÍSSIMO crítico espanhol e mestre de jornalistas, recentemente falecido em Madrid deixando uma obra, por todos os títulos admirável e um nome literário de perdurável memória.

(Foto Ottius.)



JOSÉ TAGARRO

INSIGNE desenhador e pintor de forte personalidade que há pouco expôs ao público no Salão Bobone com o mais alto e caloroso agrado e o aplauso unânime da crítica que vê nele um dos grandes nomes indiscutíveis da geração nova.

(Foto Novais.)



AMÉRICO PINTO BASTOS

FILHO do director do velho semanário de Fafe *O Destorço* e que concluiu brilhantemente o seu curso na Escola Náutica, indo ocupar o lugar de oficial-telegrafista no *Mozambique*.



AMÉLIA REY COLAÇO

PRIMOROSA comedianta e excelsa artista, a quem o teatro português deve inestimáveis serviços e que acaba de tomar posse do Teatro Nacional Almeida Garrett onde se espera realize uma campanha notável.

A MORTE DUM GRANDE MILITAR



O MARECHAL MANUEL DE OLIVEIRA GOMES DA COSTA

ANTIGO COMANDANTE DO C. E. P. EM FRANÇA E UM DOS MAIS HERÓICOS OFICIAIS PORTUGUESES DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA, MILITAR EMINENTE, DUMA VALENTIA TEMERÁRIA, O GRANDE CAUDILHO DO MOVIMENTO DE 28 DE MAIO, FALECIDO HÁ POUCO EM LISBOA COM PROFUNDO SENTIMENTO DE TODO O PAÍS

(Foto «Ilustração»).

A MORTE DO MARECHAL GOMES DA COSTA

ALGUMAS FOTOS HISTÓRICAS DA SUA VIDA



O marechal Gomes da Costa, chefe do movimento militar de 28 de Maio, comandando as guarnições militares do norte em marcha sobre Lisboa e ostentando as suas múltiplas condecorações



O marechal Gomes da Costa quando Chefe de Estado, visitando a Casa Pia, uma das instituições a que professava maior carinho e dispensou mais valiosa protecção



Uma hora de apoteose. Após o pronunciamento de Braga, início do movimento militar de 28 de Maio, o general Gomes da Costa, o heróico combatente das trincheiras da Flandres, arrasta as divisões do norte numa marcha fulminante sobre Lisboa, que adere ao movimento triunfante. A nossa foto reproduz uma scena de fantástica emoção popular: a entrada triunfal em Lisboa do heróico militar entre o delírio do povo (Foto «Ilustrações»)



Uma foto inédita e comovedora. — O grande cabo de guerra, no seu humilde leito mortuário, com o bastão de marechal oferecido pelos humildes combatentes da guerra e rodeado por sua esposa e pelos seus, sumidos na maior dor

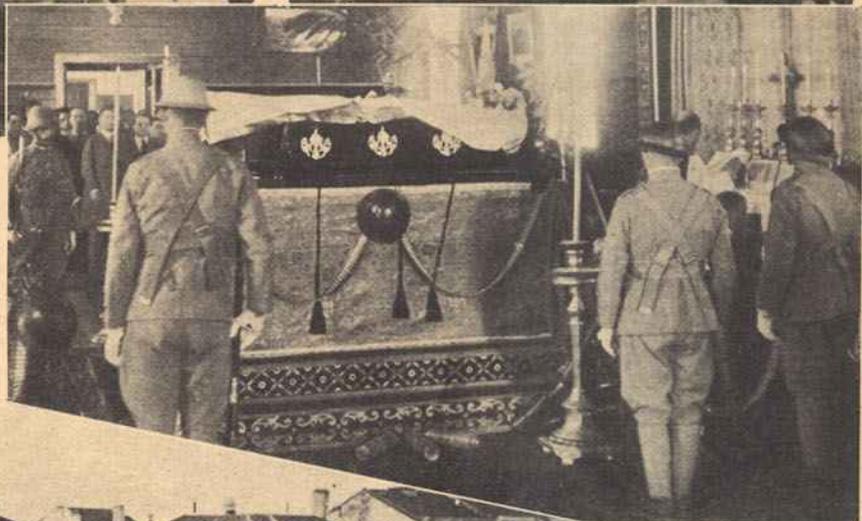
(Foto «Ilustração»)



NO OVAL: — A chegada ao cemitério. A urna rodeada pelos representantes de todas as unidades do exército português.

NO MEDALHÃO DA DIREITA: — A saída do quartel de metralhadoras. O féretro, atrás do qual segue o neto do marechal, retrato vivo do grande militar na sua mocidade e os ajudantes do grande comandante do C. E. P., levando as insígnias de comando do grande desaparecido

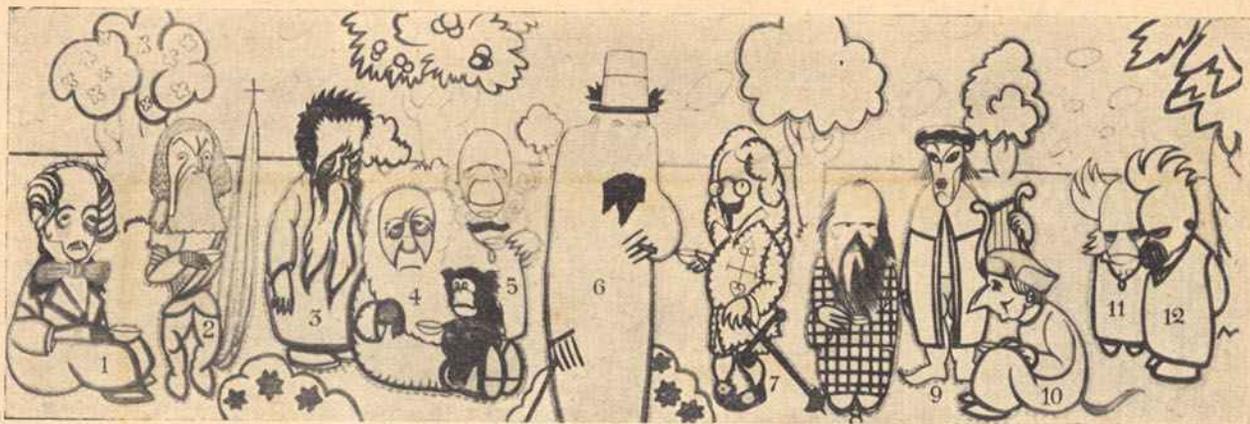
(Fotos «Ilustração»)



EM CIMA: — A câmara ardente do marechal Gomes da Costa, armada no quartel de Metralhadoras, na Rotunda, o maior baluarte revolucionário do movimento de 28 de Maio de que o malogrado militar foi chefe. A urna rodeada pela sua guarda de honra de combatentes da guerra vestindo as fardas de campanha e os capacetes de aço das trincheiras onde o marechal revelou a sua heroicidade e o seu alto espírito de militar

A ESQUERDA, em baixo: — A passagem do féretro do marechal Gomes da Costa na Praça Duque de Saldanha, a caminho do cemitério do Alto de São João onde o seu corpo ficou depositado no jazigo igualitário de todos os combatentes portugueses da Grande Guerra

(Fotos «Ilustração»)



1 — Dickens. 2 — Hermán Cortés. 3 — Miguel Ângelo. 4 — Darwin. 5 — Spencer. 6 — Pérez Galdós. 7 — Quevedo. 8 — Dostoyevski. 9 — Jorge Manrique. 10 — Maquiável. 11 — Schopenhauer. 12 — Nietzsche

De Bagaria disse Inácio Zuloaga :

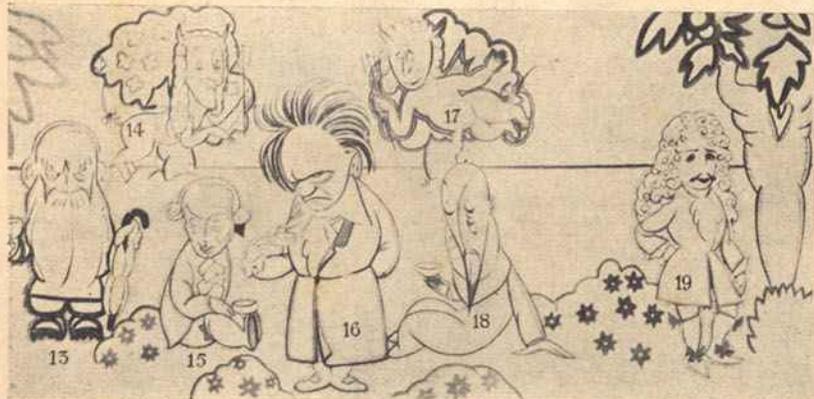
«Admiro-o sem limites porque a sua arte encerra muito daquilo que eu souho para a minha personalidade, psicologia, ironia, penetração do carácter e sabedoria. Bagaria é, indubitavelmente, o grande mestre da caricatura.»

E escreveu D. Miguel de Unamuno :

«As caricaturas que de mim fez Bagaria serviram-me, melhor do que muitas outras coisas, para me ver de fora de mim e como os outros

corre um misterioso fluido com tantas propriedades de dissecação que lhes deixa à luz do dia toda a sua composição específica. E com uma agudeza de analista especializado na observação dos homens e no manejo das almas, vai salientando virtudes, estigmatizando frágeis e descobrindo segredos; aqui, é uma fraqueza que se delata, além, uma miséria que se desinfecta. O que não diria d'este formidável humorista

A ARTE DUM GRAN O OL VISTO POR



13 — Tolstói. 14 — Voltaire. 15 — Kant. 16 — Beethoven. 17 — Rousseau. 18 — El Greco. 19 — Molière

me vêem. E, assim, a sua arte purificou-me com o mais profundo conhecimento a ti mesmo, que é: «conhece-te com o conhecimento alheio.»

A pesar de muito dizer, não disse tudo o insigne escritor, que é, por hoje, a maior figura mental que a Espanha exhibe aos olhos do mundo. Apresentá-los como os outros os vêem? Mais consegue fazer Bagaria com os seus caricaturados: — chega a virá-los do avesso. Através das suas linhas diabólicas, animadas de poder vital, e dum sentido justiceiro e humano,

toda essa colecção de semideuses da Arte, da Ciência e da História, que é, num poderoso arranque de génio, colocou um dia numa das salas da redacção de *El Sol*, reunindo-os no Olimpo a tomar café, a bebida espanhola por excelência? O que não diriam eles, sábios, heróis e poetas, santos alguns, artistas outros, se se vissem assim nesse à-vontade surpreendente, a sua parte de homens voltada cá para fóra, nessa franca e edificante convivência que, de per-si, causa arrepios a qualquer mortal por

muito sceptico que éle se sinta ante o respeito que as coisas eternas sempre nos impõem?

O que não diriam — Deus do céu! — ao verem-se assim virados do avesso? Atraver-se-íam a julgar este gesto insólito de Bagaria, este gesto heróico dum selvagem que tem valentia e talento para imprecar contra céus, contra terras e contra mares?

Não esquecer o famoso caricaturista nem uma só das excelências da obra legada à humanidade pelos seus gloriosos caricaturados. Mas, se lhes canta as excelências e lhes proclama os méritos, não lhes passa por alto as lacunas do frágil barro que a verdade bíblica atribui a toda a condição humana.

Veja-se o velho chapéu de chuva a que se apoia o patriarcal Tolstói. Não será éle todo um símbolo? Não marcará esse velho e desengonçado chapéu de chuva aquelas leves salpicadelas de confuso burguesismo que turvaram, de quando em quando, o espírito cristão e os olhos claros do genial conde? Que o digam os seus sacrificados contemporâneos que nunca lho levaram a bem. E o nosso Vasco da Gama? Homem do mar, bem português, traços sóbrios e dominantes, o prestígio duma grande raça e dos grandes empreendedores, as linhas do rosto profundamente vincadas, as pernas cruzadas num desesperante quietismo após a colossal empresa... Com aquele olhar vago dos líricos e dos messiânicos, com aquele sombrio ar de recolhimento de quem muito já den à humanidade e não confia que esta saiba guardar tudo quanto d'ele recebeu, parece querer dizer aos seus des-

20 — Vasco da Gama. 21 — Velásquez. 22 — Goethe. 23 — Vitor Hugo. 24 — Napoleão. 25 — Prím. 26 — Esópo. 27 — Pi y Margall





ALBINO CUNHA — ANTIGUIDADES



28 — Wagner. 29 — Cervantes. 30 — Goya. 31 — Ibsen. 32 — Larra. 33 — San Juan de la Cruz. 34 — Santa Teresa. 35 — Fray Luís de Granada. 36 — Garibaldi. 37 — Rubén Dario. 38 — Arquimedes. 39 — Afonso X

DE CARICATURISTA IMPO BAGARIA

Prim, com o gorro frígido da república sobre um cavallinho de pau... Fôsse o cavalo a valer, onde chegaria o general? Arrogância, não lhe falta! Larra, violento e suicida, um janota como Garrett, com todos os arrebiques do romanticismo da sua época. Oscar Wilde, peralvilha e alado, exuberante e lindo... Nietzsche e Schopenhauer, de mal com a vida e com eles mesmo, vigilantes e carrancudos, um pouco despeitados,

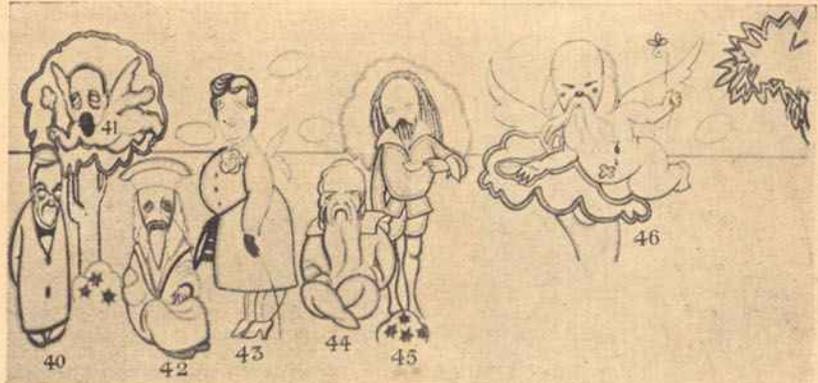
mático dos seus alexandrinos, feições duras numa carne mole. Goya, sinaleiro, em arte, de novos horizontes, numa mão, a moca da violência, e, na outra, a flor da sua delicadeza inextinguível. O Greco, alongado, fúnebre, espiritual. Quevedo, honrando os fatos que veste. Maquiavelo, com olhinhos de pulga e cauda de raposa, manhosa... Dante, como muito de poeta glorificado pelos denses e muito de tenor... rifado pe-

cedentes: «Não acometeis nada que me honre? Não fazeis nada por por vós? Que importa! Ru já fiz tudo. Isso vos basta. Falta-vos pão branco para a boca e pão quente para a alma? Aqui tendes a minha glória. Comei! Partai-vos!»

Como se conhece em Velasquez, bem trajar, mesureiro e elegante, o laçao de Filipe IV, todo o servilismo duma côrte de intrigas e de baixezas! Houvesse na sua vida e na sua arte, tão fiel sempre — uma e outra — aos seus senhores, um grato gesto de rebeldia, e veríamos como o teria dignificado o lápis de Bagaria que tantas vezes tem rompido lanças por tôdas as injustiças, desde aquelas que flagelaram Jesus até a essas outras que ainda não deixaram de flagelar o seu povo.

Em Vitor Hugo, há uma bela cabeça aureolada de génio e um olhar de sovina e de velhaco que é uma tremenda condenação!... Poeta da mesma corda, o nosso Guerra Junqueiro, como o surpreenderia a varinha mágica deste feiticeiro prodigioso ante a qual se rendem todos os mistérios e todos os segredos se desvendam? Só ele o sabe!...

Napoleão, tragando as amargas gotas do exílio, êle, senhor do mundo, onde tantos outros foram exilados! Vêde-o, agora, alquebrado e vencido, gigante que com um só piparote se transforma em boneco... sem passar por homem. Que dilacerante e trágica eloquência ha nesta caricatura do maior soldado que ainda exércitos conheceram! Não vos convida ela à meditação, a vós, pobres napoleões de esquina que tanto vos pavoneais na vossa fementida grandeza?



40 — Pasteur. 41 — Maragall. 42 — Miguel Servet. 43 — Oscar Wilde. 44 — Galileu. 45 — Shakespeare. 46 — Verlaine

afinal, com a glória dos outros... que não lhes servem café. Dickens o bom Dickens, ingénuo e infantil, talvez uma expressão de criança triste, sem um rasgo de cruza que lhe atraia o carácter; para nos falar daquela fauna um tanto ridícula e divertida, que êle sempre com um bom ar risonho, terno e feliz, nos deu a conhecer — a gravata basta!

Quanto a Darwin, é o mono de Darwin ou o Darwin do mono? É difícil sabê-lo. Danton foi-se à viola com a cruz inestética da moderna prudência. Ruben Dario, servindo o café aro-

las deusas; italiano, enfim, Santa Teresa, San Juan de la Cruz e Fray Luís de Granada, os três místicos do século de ouro. Ao fundo, imponente como uma mole, o cemitério das suas superstições, etc., etc., etc...

Notável e regosijante, êste esplêndido Olimpo do enorme Bagaria. Vigoroso documento de arte, êle fica pertencendo às melhores arcas do melhor ouro da raça, os mesmos que ainda guardam o humor, a ironia, a visão genial dum Quevedo, dum Cervantes e dum Goya.

NOVAIS TEIXEIRA.

47 — Júlio César. 48 — Cleópatra. 49 — Lope de Vega. 50 — Lamartine. 51 — Pascal. 52 — Sócrates. 53 — Dante. 54 — Cardinal Cisneros. 55 — Dantón. 56 — Calderón de la Barca. 57 — Baudelaire. 58 — T. Gautier. 59 — Balzac



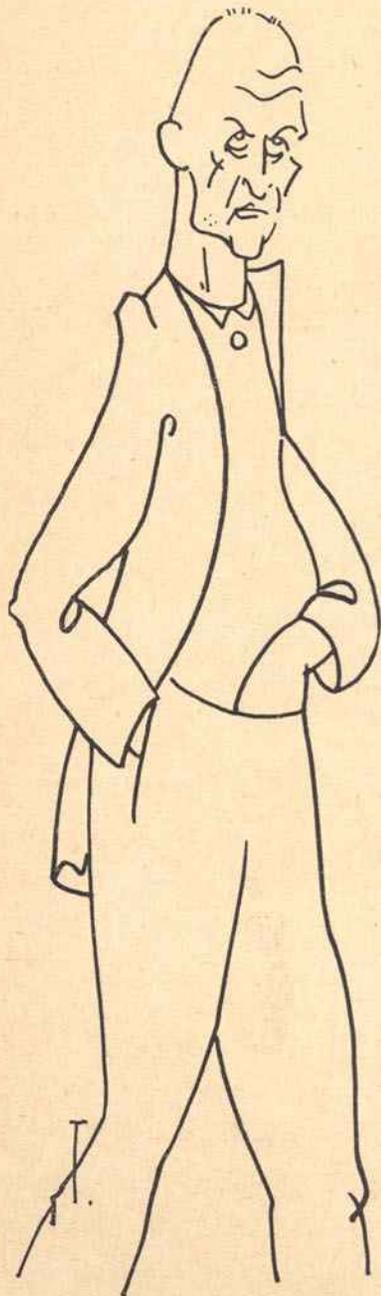
FIGURAS EXCENTRICAS DA NOSSA TERRA

NA ALBERGARIA

UM REDACTOR DA «ILUSTRA A PRETA ROSÁLIA E ENCONTRA «TIBARÃO», O ASSASSINO DE VINTE E CINCO TOSTÕES, A FAKIR DE

Levaram-nos a Carnide a fama e a pista de uma mulher. Chama-se Rosália. É um nome sonoro e perfumado como uma rosa vermelha. Era vago o seu paradeiro; mas, por uma mulher, qual é o homem que não dá passadas inúteis?

Ela dissera-nos, em tempos, numa taberna da



O assassino de D. Leonor — João Augusto Machado



«A Nobre» — Maria da Madre de Deus Vieira de Carvalho

Mouraria, onde a encontrámos embriagada, que lavava roupa em Carnide (Rosália é lavadeira), e apenas com esta indicação nos lançámos ao acaso por esse extremo da cidade, onde o eléctrico já chegou, embora não tivesse por enquanto lá levado o ambiente da capital.

Carnide é um subúrbio calmo e soalheiro como uma aldeia. Os seus moradores ainda discutem na botica e no barbeiro a vida de cada um. Os gatos dormem tranquilos sob o sol dourado, e às janelas, quando passamos, a visinhança assoma a cabeça, espreitando.

Em busca de Rosália percorremos Carnide de ponta a ponta. Nem mesmo no Beco da Mestre, nem no Largo da Praça deixámos de meter o nariz. Lá em baixo, na orla de uma horta descobrimos um lavadouro. O coração bateu-nos apressado. Entrámos. As lavadeiras, ao ver-nos, sustaram o trabalho, ergueram do tanque os bustos fartos e fitaram-nos assombradas. O nosso olhar ansioso logo verificou que Rosália não estava entre elas. Rosália, se lá estivesse, distinguia-se bem. Rosália é preta, alta, elegante, flexível e berrante no trajar, mais berrante do que as saloias de Carnide.

Regressávamos a Lisboa sem vermos a preta mais original que temos topado em toda a nossa vida, quando uma súbita inspiração nos levou ao barbeiro. Os barbeiros sabem tudo, e aquele não escapava à regra.

— Uma que gosta da pinga? — inquiriu o fígado, mal soube de nossas pretensões. — Estava internada na Albergaria de Lisboa.

Fomos à Albergaria, que é ali a dois passos, no largo da Luz, no antigo convento do Espírito Santo — velho edifício dormente no meio de uma quintarola verdejante, para onde as autoridades arremessam a escória da capital, o enxurro de miséria que escorre por becos e travessas, sem abrigo nem pão, e, quantas vezes! sem moral, nem escrupulos.

Na cerca da Albergaria existe um lavadouro, onde umas raparigas batiam roupa, espreitando-nos pelo canto do olho desconfiado. Mas a Rosália de Cabo Verde não se via.

Então, um rapazito amável, empregado daquele estabelecimento, a quem demos conta das nossas ansiedades, esclareceu a ausência de Rosália: fora repatriada.

Fôra-se a mulher, mas ficara a fama. Na Albergaria todos a recordam com um sorriso e uma saudade.

Este velho trôpego e obeso, uma pala negra num olho, o outro pisco e de fraca vista, bengala na dextra, muleta na sinistra, que arrasta como pode 83 anos feitos, conheceu-a bem. Ora, não havia êle de conhecer a Rosália, de Cabo Verde, lavadeira acaçada como poucas e hebeda como nenhuma! O Zacarias da Silva — assim se

DE LISBOA

chama o velhote — procura activamente tra apenas o Zacarias do Dona Leonor, a velha dos tímida aristocrata e o Loures...

chama o velhote — tem desasseis anos de Albergaria. Foi durante muito tempo o carroceiro da casa e se-lo-hia ainda se as malditas pernas não reclamassem constante repouso e a vista não teimasse em faltar-lhe.

É simpático o velho, abre-se todo num sorriso afável quando nos fala, respeitoso, na mão o chapéu que, pelo tamanho, recorda a roda da carroça que êle guiava em tempos.

A preta Rosália, não conhecia êle outra coisa! O Zacarias gosta das pessoas de côr. Fôra em tempos dar um passeio a São Tomé, com passagens pagas pelo Governo, e carta de prego na mão do comandante. Azares da vida... Também esteve no Príncipe no arranjo de estradas e pontes.

— Fui uma vez ao Ambriz — disse êle, sorvendo delicioso o magro cigarro que lhe ofertáramos — contratar pretos para trabalhos das Obras Públicas. Trouxemos cento e tantos.

E, para demonstrar que tinha muita simpatia pela raça negra, evocou:

— Quando chegámos em frente da Ilha de São Tomé, um dos pretos, vestiu-se de ponto em branco, como se fôsse para uma festa, subiu ao tombadilho e zás! — atirou-se ao mar.

E comentou tristemente:

— Logo dêle tomou conta o *libarão*. Zacarias cumpriu em África pena de degrêdo durante seis anos e quarenta e três dias, mais minuto, menos minuto. Não lhe preguntámos porquê — somos pessoas delicadas.

Oferecemos-lhe outro cigarro que êle chupou gulosamente. E como o tabaco é propício às confidências, Zacarias, baixando a voz como se relatasse um caso grave, contou:

— Parece que Rosália fôra feliz em tempos. Embora o pareça, já não é nova. Enamorou-se, na terra, de um homem abastado de quem teve uma filha. Ao cabo de algum tempo o companheiro partiu para a Madeira levando a criança. Rosália ficou só, desemparada, chorando a pe-



Elisa Augusta Correia de Lacerda, «A mulher dos 2.500»

quenita que não tornou a ver. No álcool procurou então o esquecimento...

Deixámos o Zacarias no banco de madeira de onde se erguera para nos contar a história da pobre Rosália, heroína de um romance tão vulgar e comovedor das colónias africanas, e proseguimos nossa visita às dependências da Albergaria de Lisboa, acaedadas, higiénicas, talvez modelares em relação à tacanhez habitual das doações. Os internados olhavam-nos com desconfiança. Alguns ainda podem trabalhar. Visitámos a oficina de serrallharia, onde um ancião ainda consegue apresentar obras admiráveis da sua indústria. E detivemo-nos na carpintaria, por culpa de um velho alto e rijo, tipo de vagabundo das docas, que, tomando-nos por advogados, agentes de investigação ou coisa que o valha, se nos dirigiu em linguagem desabrida que, por decêro, não reproduzimos fielmente.

— Com que então os senhores querem saber quem foi o assassino de D. Leonor... — disse-nos êle, o João Augusto Machado, fitando-nos com ironia.

— Exactamente — confirmámos, mantendo-lhe a ilusão da nossa autoridade.

Teve êle um riso escarninho de homem habituado a interrogatórios policiaes e nós uma expressão carrancuda de pessoas acostumadas a encarar, sem tremer, os piores bandidos.

— Para cá vêm de carrinho — ripostou êle. — Já estive alguns anos na Guiné e não tenho medo de para lá voltar.

A foi correndo atrás de uns garotos que, a distância, lhe faziam gatinhanhos provocadores.

Fomos andando, era um demente... Cá fora, através da quinta tranqüila, o nosso pensamento formulava uma pergunta dolorosa e íntima: que segredo de sangue e de morte teimaria aquele homem, já no extremo da vida, em ocultar tão ferozmente? Por vezes, sob as feições mais face-tas escondem-se os quadros mais sinistros da alma humana.

A secção feminina da Albergaria de Lisboa fica num antigo convento de freiras que dista uns cinco minutos do edificio que vinhamos de visitar. Esperavamos a tomo o momento ver surgir uma freira embuçada e triste, mas appareceu-nos, afinal, uma velha, muito velha, 93 anos, para mais e não para menos, que dá pelo chamadouro de Elisa Augusta Correia de Lacerda.

Tem boa vista, mexe-se bem e fala pelos cotovelos.

— Ora, imaginem os senhores — disse-nos ela, mal nos aviston, e num tom de quem nos conhece há muitos anos. — Tinha eu posto de parte umas postinhas de peixe para o meu jantar e o patife do gato levou-mas. Veja lá a minha vida...

E quasi sem transição, como se nós a tivessemos acusado de grave delito, justificou-se:

— Eu nunca pedi esmola, nunca. O que tinha era muitos bemeitores que me protegiam. Ali no principio da rua do Carmo, um sujeito dava-me todos os dias vinte e cinco tostões; na rua Garrett havia outro que me dava vinte e cinco tostões; na rua Augusta, um cavalheiro bondoso... outros vinte e cinco tostões; na rua do Ouro, vinte e cinco tostões; na praça da Alegria...

E as dadivas diárias de vinte e cinco tostões eram intermináveis, sem que ela estendesse a mão trémula, nem formulasse uma súplica...

Já não lhe prestávamos atenção, porque uma linda cabeça de velha, cabelo alvo de jaspe, feições delicadas, uma vaga expressão de soberania, perfil aristocrático, nos atraíra a atenção.

Era tímida como uma donzela. Quando lhe perguntámos o nome, ela respondeu, entre lágrimas:

— Maria Madre de Deus Vieira de Carvalho.

Que sofrimentos, que dores, que tragédias não teriam presenciado os seus 93 anos para a tornarem assim tão sensível, tão vibratil de nervos, que uma simples e carinhosa pergunta nossa lhe humedecera os olhos?

Contrastava com a tristura dela a alegria exuberante de outra, mui velha também, de um moreno carregado que mais fazia realçar os seus cabelos brancos, de pé. Lembrava vagamente um fakir indiano — um fakir de Loures, terra de sua naturalidade.

E surda como uma porta. Para nos fazermos comprehender foi necessário, de mãos em porta-voz, gritar-lhe inúmeras vezes:

— Como se chama?!

— Que horas são? — inquiria ela, em voz branda.

— Como se chama?! — repetiamos.

— O que me dói? — teimava ela, sorrindo amável, sem comprehender.

— Como se chama? — clamavamos a plenos pulmões.

Foi a regente, que amavelmente nos informou, porque ela jamais nos entenderia. É um nome vulgar, pleben, natural de Loures, como ela: Casmira Rosa.

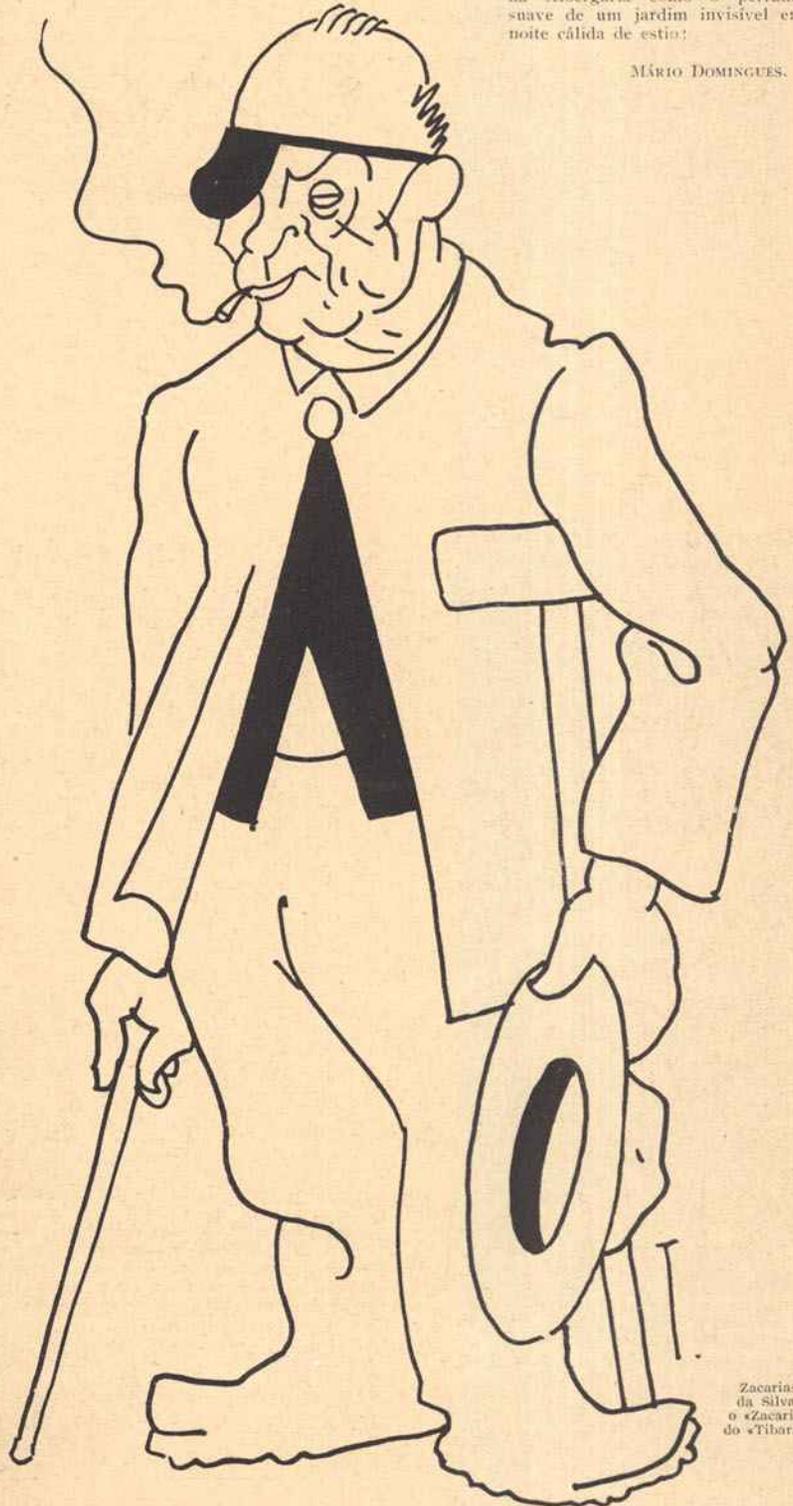
Por deferência, para nos honrar, a nós, visi-

tantes, cantou e dansou, sem se fazer rogada, algumas modinhas safoias. Havia alegria comunicativa nos seus olhos e nos seus gestos ainda ágeis que desmentiam que sua idade não andasse longe da das suas companheiras.

Antes de nos retirarmos, fomos visitar as crianças, raparigas de oito a treze anos, o máximo, muito limpas nos seus bibes de riscado. É a carne tenra que se arranca ao enxurro da valeta, a inocência que já conhece a corrupção.

Quem sabe se algumas estarão destinadas a repetir mais tarde a história tocante da preta Rosália, cuja recordação ainda paira na Albergaria como o perfume suave de um jardim invisível em noite cálda de estio!

MÁRIO DOMINGUES.



Zacarias da Silva, o «Zacarias do «Tibarão»



Retrato de M.^{ma} Maria Tereza Henriques de Lancaster (Alcaçovas)

NO PORTO

O PINTOR

ALBINO CUNHA

de crítica sobre o que foi e o que valeu como declaração artística essa parada de quadros. Temos que nos limitar a apontar a altura a que subiu Albino Cunha com a sua feição pictórica nessa sua apresentação.

Durante a primeira quinzena de Dezembro expôs, na capital do Norte, no Salão Silva Pôrto, alguns dos seus melhores trabalhos o pintor Albino Cunha.

Não pretendemos agora fazer dois traços

Este pintor, que tem atrás de si, no período em que foi aluno da Escola de Belas Artes, as melhores, as mais altas classificações, que tem uma larga peregrinação de estudo por Paris, donde chegou há meses, é, é pre-



Albino Cunha

ciso declará-lo, um grande lutador e um grande apaixonado da arte que recebe as rezas da sua sensibilidade.

Há quatro anos, também no Pôrto, no Salão da Misericórdia, Albino Cunha fez a sua primeira exposição. Triunfou, triunfou amplamente. Agora, depois desse quadriênio de silêncio, apresentou-se a justificar, e mais, a aumentar o êxito da sua exposição distante.

Albino Cunha deu-nos excelentes testemunhos dos seus progressos artísticos, dos seus estudos em Paris. Primeiro, a elegância, o equilíbrio dos seus desenhos, das suas figuras. E depois, a poesia das suas tintas, das suas paisagens.

Albino Cunha é um poeta que pinta quadros? Não, não nos repugna admitir e aceitar esta pergunta. Albino Cunha é o artista das paisagens sensitivas, dessas paisagens que só vivem na hora da transição do crepúsculo. E até sobre suas figuras, sobre os seus retratos, parece voar uma nuvem invisível, mesmo imaterial, de poesia.

Albino Cunha soube caminhar e, por isso, se explica o seu grande triunfo no Pôrto com esta segunda exposição. Não foi um êxito de favor, como o de tantos outros. Não. Albino Cunha triunfou porque cada um dos seus quadros foi uma prova, completa e inexecdível, da difícil e maravilhosa arte de pintar.



O pintor Albino Cunha e alguns dos seus quadros

A Pendula da Fonte do Palácio de Cintra

— Porque sorris incrédulo? Não crês no que te digo? É a verdade pura, quem bebe desta água se enamora. É coisa já sabida, nem eu seria nunca capaz de te contar um conto mentiroso. Foi há muitos anos, muitos, que brotou esta fonte, de repente, e por mais seco que seja um coração, sente brotar dentro de si fresca fonte de ternura, se bebe desta água abençoada. Como sei isto? Lembra-te quando nos perdemos no bosque naquela linda manhã de sol e de gorgoejos? Nos ensinou o caminho uma velhinha pálida a quem chamamos Fada da Montanha. Tão brancos eram os seus cabelos, tão doce o sorriso dos seus lábios sem cor. Conversamos muito tempo, tanto, tanto, que já havia em teu olhar impaciência quando em desci a vereda ao teu encontro. Não há para ela segredos na montanha, conhece a história de cada pedra, o solo de cada fonte. Contou-lhos sua avó, tão poderosa feiticeira, que conversava com os pássaros e com as flores. Pois foi a Fada da Montanha quem me disse que esta água é encantada, e também que aquelas pedras longas lá do alto, não são pedras comuns, são amantes adormecidos à espera que Allah volte a dominar em Sintra. Foi muito antes da vinda dos cristãos, quando ainda a bandeira do Profeta cobria com sua sombria protectora a fortaleza poderosa e a humilde choça do zagal, e quando o pegureiro e o Senhor, curvados para o solo, voltados para Meca, agradeciam Allah e bendiziam Seu Nome Sacrosanto. Senta-te junto a mim, ao pé da fonte, prende nas tuas a minha mão pequena e ouve com atenção a história curta. É triste como todas as histórias verdadeiras, é profunda como a própria vida. O povoado não era o que hoje é, e somente Alcazar se erguia altivo, protegido pela fortaleza que dominava a planície, magestosamente alçada sobre a montanha. Levanta os olhos, vê, ali no alto? É ainda imponente ruína, orgulhosa do que foi, e tem também a sua história trágica. Contar-ta-hei um outro dia, em breve. Quero dizer-te agora porque é encantada a fonte murmurante. Foi no apogeu dos Mouros na Península. Reinava em Granada... Seus palácios formigavam de sábios e guerreiros. Para todos tinha a palavra necessária e a recompensa merecida. As mais lindas mulheres eram suas e os cavalos mais velozes pertenciam-lhe. Forte na guerra, dominava a paz, e seus astrólogos anunciavam largos e fartos anos de grandeza. Magnífico nos prémios, dera Sintra ao seu tenente Haroum-Kebir. Era este um rude Senhor, moreno e forte, para quem o Amor fôra apenas o desejo ardente, prontamente satisfeito, rapidamente esquecido. Suas concubinas não tinham conta e gemiam abandonadas, relegadas no harem tristonho, sem música e sem cantos. Eunucos negros guardavam estas jóias sem valor para o Senhor e os pombos emigraram, abandonando o solar donde o Amor fugira.

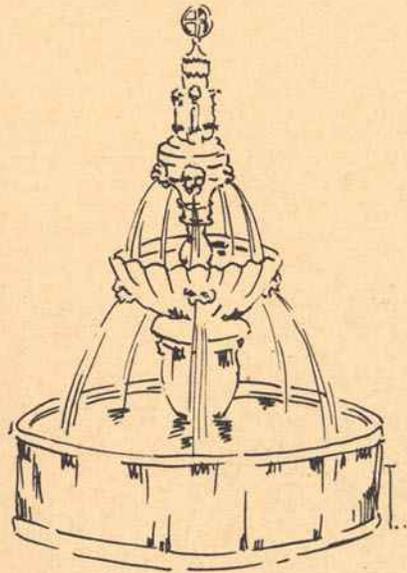
Só um riso ali cantava, só uma primavera ali sorria, contente de viver e ignorando a vida. Flexível como a cana, pele dourada qual madura messe, cabeleira negra como a saúde, olhos brilhantes e linda boca rubra, Aeycha cantava e ria todo o dia, luz e harmonia do noturno Alcazar. Só para ela abriam-se em sorriso os lábios do Emir, de quem era filha bem amada.

Adorava-a ferozmente e guardava para si, só para si o seu amor suave, desobedecendo Allah que ordena como dever sagrado a união dos seres. Era esta filha o seu maior tesouro e para vê-la rir daria Haroum-Kebir as arcas cheias de ouro e as pérolas maravilhosas que enchiam os subterrâneos e mesmo até as suas armas damasquinadas e seus cavalos infatigáveis. Ao

pensar que aquele riso cristalino encantaria a vida de um outro homem, caía em furor sombrio e só acalmava quando o ouvia novamente vibrar dentro de sua alma qual chuva fecunda em terra sequiosa.

Um dia, tredo dia de maldições, o sorriso desapareceu dos lábios de Aeycha que emudeceram para o canto, e do bosque fronteiro partiram todas as noites sons de guza enamorada. Ficou mais verde a hera que vestia as muralhas negras e os pombos vieram em bandos arrullhar nos beiraes desertos.

Houve mais calor no ar e mais perfume nas flores. Nos olhos tristes dos eunucos negros a tristeza foi mais profunda e as concubinas abandonadas sorriam novamente, e acendendo os incensários apagados perfumaram esperanças os corpos sensuais. Que hóspede poderoso e subtil habitava de repente o Alcazar, tão subtil



que ninguém o via, tão poderoso que fazia trem Haroum-Kebir, o forte, êle que ignorava o medo?

— O que se passaria? — indagava ansioso, sem encontrar resposta para o seu terror. Como poderia êle adivinhar a presença do amor, êle que nunca o conhecera, que passara toda a vida em sortida de combate em combate? Tomar de assalto o povoado cristão, adivinhar manhas de inimigos, lutar corpo a corpo, terrível e temido?... Isto sabia-o êle, porém perceber o que se passava em alma de donzela ou em coração de trovador...

Uma noite em que a lua brilhava com mais fulgor, uma canção subiu ao ar e da janela da mais alta torre airoso forma branca destacou-se.

— Allah bendito — rugiu o Emir — é Aeycha e há alguém, um homem maldito que me rouba a sua alma. Olá! guardas, correi, cercai o bosque e que me tragam encadeado o perro que lá deve estar.

Olhos negros, palidez de mármore, pele mais fina que de donzela nobre, bormoz de pura lã alvinitente, energia no gesto e atitude altiva, tal era aquele que tão bem sabia arrancar das cordas mudas da guza os soluços de amor e os

gritos de desejos que haviam levado o amor à alma límpida da sorridente Aeycha.

Rugiu o Emir ao vê-lo:

— Quem és? O que queres? Porque vens perturbar a paz dos meus domínios? Ignoras que meu poder é imenso e que só eu é que governo aqui?

— Venho de longe. Chamo-me Safir. Não fui eu que perturbei a paz dos teus domínios, foi o riso cristalino de tua filha quem roubou para sempre a tranquillidade de minha alma. Sou nobre e forte, ela é virgem e bela. Dá-ma por esposa e eu ficarei junto de ti, servindo-te com meu braço de guerreiro e respeitando-te em meu coração leal. Allah criou para o homem a mulher, e eu adoro a tua filha.

Haroum-Kebir levou mão rápida ao punhal puido que lhe pendia do cinto cinzelado, porém o seu olhar encontrando o olhar sereno do moço trovador, estremeceu de ódio. Matá-lo já, para quê? Preciso seria uma maior tortura para tão grande crime, o crime ser perdão de pretender Aeycha.

— Tua será, porém primeiro hás de trazer-me, e pronto, uma clara fonte para diante do Alcazar. É o prego de Aeycha. Adoro a água quasi tanto como a filha e quero que seu canto doce embale e encante as minhas longas noites de vigília. Soltai-o, guardas. És livre, parte, e se ao romper do dia não tiveres satisfeito o que te peço em troca do meu tesouro amado, não voltes mais, eu guardarei Aeycha.

Assim falou Haroum-Kebir, o bravo e sorriu feroz. Que melhor castigo poderia encontrar para um enamorado, do que deixá-lo vivo sem a mulher amada?

Safir sorriu também, altivo e calmo. Uma fonte? É porquê não? Acaso faltava a Allah poder para trazer do bosque verdejante a clara linda transparente que pagaria Aeycha? Maiores milagres fizera o Onipotente para proteger aos que a Ele confiam seus amores. Uma fonte? Ia buscá-la sem tardança.

Partiu feliz o moço trovador, deixando o espanto nas almas dos que o ouviram. Chegou junto da fonte murmurante, invocou confiante o nome santo e enchendo a guza da água fresca, foi despejá-la em frente do Palácio. Cantou suave a água clara, que caindo abriu cova no chão onde se deixou estar alguns momentos. De súbito borbulhou, cresceu e subindo ao ar em repuxo alegre, desfêz-te toda em sons, em harmonias, proclamando o triunfo do amor e do poder de Allah. Pasmaram todos em redor e só Safir sorriu cheio de orgulho.

— Aqui tens tu a fonte desejada, dai-me agora a mulher que amo — gritou para o Emir enfurecido.

— É tua, leva-a contigo.

É Haroum-Kebir enlouquecendo, atirou da alta torre a filha amada, para os braços que se ergueram a recebê-la. Rolaram enlaçados pela encosta, e a fonte, a doce fonte que os seguiu, envolveu-os em suas águas maternais, guardando-os para sempre no seu seio. Al habitou o casal enamorado e em noite de luar ouvem-se os beijos. Felizes, espalham o amor na água para e quem bebe desta fonte se enamora.

Bebemos ambos da água milagrosa, há nos teus olhos palhetados de ouro um lindo brilho estranho e teu lábios secos bebem nos meus o ardente mel da Vida. Já não sorris incrédulo? Tinha razão a Fada da Montanha, é encantada a Fonte do Palácio e quem bebe de sua água se enamora.

Sintra, 12 de Outubro de 1920.

LIA DA FONSECA.

C O I M B R A

E O FEMININO SORTILÉGIO DA SUA PAISAGEM (VELHAS IMPRESSÕES)

Fins de Abril. Cheguei a Coimbra de noite e com chuva... Mas eis que a Primavera começa, depois de alguns dias pesados e importunos, e que bela e moça que ela vem!

Que maravilhosamente agora, daqui, da janela do meu quarto, ao fim da tarde, quando o sol acaba de tomar lá para campos de Montemor, listrando o horizonte duma riquíssima gama de tons que se insinuam em nós, e que não há pincel capaz de os traduzir!...

Tôda a casaria da «Alta» se recorta além, aureolada, mergulhando num banho incandescente de purpuras, oiros líquidos, alaranjados, topázios... — e destaca no céu, como pontos dominantes, os pináculos agudos da Sé Nova, a velha torre universitária, e o observatório, à esquerda.

Que doce melancolia embriagante anda nos ares, e se respira aí, por essas ruas, e como ela envolve e retoca tudo de sonho!

Melancolia que é êsse «vulto ausente de virgem, turbando a paisagem, e como que esparso em tudo...», na bela e adivinhante expressão de Teixeira de Pascoais.

E ponho-me a lembrar, a reviver muitas outras horas de sagrada emoção que por cá tive... E acorda em mim essa irresistível fascinação que, em certos crepúsculos com poentes de milagre, me tomava, designadamente lá baixo, da margem direita do Mondego, ao Choupal, olhando a curva do rio que, ao

fundo, parecia escapar-se misteriosamente para um inconcebível país de sonho...

Tal a sensação de mistério e de irreal que de mim se apoderava, às vezes, que eu não sabia já se pisava terra! E era nesses momentos, sobretudo, que o feminino condão da paisagem de Coimbra se me revelava. O mistério que eu sentia, não era, de forma alguma, êsse mistério tenebroso, abismal, que faz vertigens e medo, e que certas paisagens dantescas sabem provocar; nem o mistério inacessível, esfingico, vedado, ante o qual nos sentimos impotentes e pequenos. Era, sim, êsse mistério sortilego, que convida, que alicia, que seduz; que finge dar-se todo e nos fascina, como o próprio mistério da Mulher.

II

Coimbra e Sintra são as duas paisagens mais encantadoramente femininas que eu conheço.

Coimbra, e essa formosíssima Sintra ante que Byron se extasiou e que cantou maravilhado, como Eden do mundo, — êle que tanto viajara e que convivera longa e intimamente com Veneza e com as maiores maravilhas da sempre celebrada Itália! Essa Sintra que António Nobre conseguiu fechar dentro daquela oitava admirável, que a dá completamente:

*«Formosa Sintra donde alto as águias pairam,
«Sintra das solidões, beijo da terra!
«Sintra dos noivos que ao luar desvairam,
«Que vão fazer o seu ninho na serra!...»*

O «beijo da terra» e «Sintra dos noivos» acentuam bem o carácter feminino, amorável e doce porque a aparentamos com Coimbra. As «águias» e as «solidões» dão a sua grandeza, que não tem em Coimbra nada a que se assemelhe.

Vi Sintra, pela primeira vez, num lindo dia de Maio; e a impressão que recebi do Alto da Pena, com o sol a morrer, dolente, numa nesga de mar, ao longe, vive na minha memória como um assombro de beleza.

Conheci, mais tarde, outras cidades célebres de sonho e evocação, e outras paisagens de maravilha.

A ascética Toledo, cidadela apertada em seu cinturão de muralhas, no alto dum frágil monte.

A cidade mais harmoniosa, de mais completa e perfeita atmosfera evocativa que aos meus olhos ainda foi dado admirar! E não foram as suas grandes riquezas artísticas que mais me fascinaram. Não foi a sua catedral e os seus imensos tesouros; não foi nenhum dos seus celebrados monumentos.



Uma paisagem típica do velho Choupal

Foi ela própria, foi o conjunto do seu casario, integrado nas serranias que o cercam, visto do Alto da Torre da Catedral. Nesse harmonioso conjunto plástico, todos os pormenores se fundem como os acordes de um poema sinfónico. E depois que pormenores! que recantos! mina inesgotável para um Pintor!...

Vi a mussulmana Granada, a que bastariam a Alhambra e os incomparáveis jardins de Generalife para a tornarem gloriosa. Da encosta do Sacro Monte, desdobrou ante mim um dos panoramas mais belos e surpreendentes que possam imaginar-se!

Qualquer destas cidades (à parte a opulência do seu património artístico), produz em nós uma impressão mais funda e intensa do que Coimbra. Mas nenhuma delas é assim delicadamente feminina.

Toledo possui, ao contrário, um inconfundível acento de máscula força, e até de dureza, a-pesar da prodigiosa luz que em certos dias a banha e toca de inefável doçura os seus descarnados horizontes.

Granada, duma voluptuosidade ardente, africana, tem não sei que perversidade perturbante de odalisca, e não a graça virginal de donzela enamorada e melancólica, que é o sortilégio da paisagem coimbrã.

Sevilha também, mais mundana e coquette, não tem a sua delicadeza musical e íntima.

III

«Paisagem lunar que é a mais doce da terra», chamou ainda Antão, a genial criança de olhos magos, à paisagem de Coimbra. Paisagem de ídilos e elegias, que toda se abandona aos sentidos e à alma, mas que sabe velar-se duma delicadíssima e virginal

e rude, outras duma grandeza que nos amesquinha e nos transporta, sempre pouco influenciável pelas mudanças das estações, — e que, no entanto, cria e alimenta no seu seio gente da mais leal e lhanamente acolhedora de todo o país).

o meu último acto que devia fazer em Outubro. Eu atravessava, por esse tempo, uma dolorosa crise moral. Coimbra foi para mim um balsamo santo e afigurou-se-me mais bela do que nunca.

Estava então quasi despovoada (tempo de



O pitoresco santuário de Santo António dos Olivais

Aqui, em Coimbra, os ares adoçam-se; os contornos do terreno ondulam-se em colinas arredondadas e macias; e as linhas abrandam-se e espreguiçam-se, ternas e meliodiosas. Aqui, todas as amorosas nuances do sentimento se combinam e imprecisam, e como que se dissolvem, e se sentem e veem boiar à superfície das coisas...

Aqui, o ídilio e a elegia casam-se, num

férias para a Academia, e de Figueira para os naturais), e o meu bairro — Penedo da Saúde — e suas cercanias — Alameda, Botânico, Santa Cruz — podiam dizer-se desertos. Calculem o sacrifício de ter de estudar «Direitos» em semelhantes condições aqueles que o podem calcular. Sacrifício que, a-pesar de tudo, me foi benéfico, auxiliando-me a desviar-me de obsidianos pensamentos que me incomodavam. Mas, às tardes e às noites, eu afastava sempre para bem longe, como sacrílega, toda a ideia de códigos e sebetas, para me abandonar, ocioso e enfeitado, ao meu encantamento de magia.

Era ainda Estio, e era já Outono. Tempo ainda cálido e calmo, nem chuvas nem ventos importunos; o rio, quasi seco, era um longo areal com goles de água dormente; a Natureza começava a desfalecer; e na brisa andava já, maguado e languido, um ruflar de soluços outonais...

Depois, o luar vinha, e reinava absoluto e divino sobre a inefável embriaguês das coisas, que o comungavam em silêncio, e exalavam no ar o excesso das suas almas, como perfumes...

Nesse profundo silêncio iluminado, só os ramos das árvores estremeciam de quando em quando, num atrepio; e a velha fonte de Santa Tereza timbrava, na sombra, o seu límpido canto de humildade...

Horas como essas em que Pedro e Inês noivavam, «naquele engano de alma, lèdo e cego», mas em que um vago e lúmbre presentimento os sobressaltava já, cruzando-lhes pelo espírito, como asa de agouro...

E eles estreitavam-se mais, de olhos nos olhos, como que a quererem beber-se, aspirar-se infinitamente... Era a ideia de morte a apertar mais o abraço da vida, a intensificar o alucinado ardor desses momentos em que se vivem eternidades...

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.



O Mondego, acima de Coimbra...

tristeza, que é talvez o mais insinuante dos seus segredos!

(Ao contrário, por exemplo, da minha paisagem natal, da paisagem beiroa das cercanias da Estréla, de vastos horizontes onde a vista se perde, que é, as mais das vezes, dura

íntimo enlace, como dois aromas afins e libertos que se fundem.

Nunca surpreendi tão bem essas melindrosas núpcias como num mês de Setembro que por cá tive de passar (já dois lustros decorreram desde então!) a preparar-me para

ARTISTAS PORTUGUESES NO EXTRANGEIRO OSCAR DA SILVA EM MADRID



Schorita Maruja de Franqueza, que cantou admiravelmente algumas páginas de Oscar da Silva



D. José Patallo, barítono espanhol que cantou obras de Oscar da Silva

Três títulos do que o próprio autor. As canções de Oscar da Silva pertencem ao tipo de aliás francês moderno.

E, referindo-se propriamente às *Páginas Portuguezas*, diz:

«Por último entre a produção mais efectiva e interessante de Oscar da Silva, figura a sua série, tão abundante em número como em belezas, de breves obras de carácter nacional (intituladas «Páginas Portuguezas»). A inspiração, de origem popular, veste-se pelas de finas harmonias e dum interessante tratamento pianístico que as aproxima em carácter, dentro do seu sentido indígena, de certas páginas schumannianas.»

Ilustração felicita calorosamente o ilustre artista português, que é um dos nossos primeiros compositores, pelo brilhante triunfo conquis-

tado num meio tão difícil como é Madrid, e aplaude vivamente essa cruzada de amor nacionalista que o leva a espalhar com o seu prestígio pelos mais exigentes públicos da Europa as riquíssimas fontes da nossa sensibilidade musical. N. T.

O ilustre compositor português Oscar da Silva, que há oito anos reside na América do Sul, em cujos países é considerado como um dos melhores nomes do moderno movimento musical, iniciou agora uma excursão artística pelas principais cidades da Europa a fim de dar a conhecer as suas excelentes *Páginas Portuguezas*, magnífico repositório da nossa música popular, que o famoso artista estilizou com luzitíssima sensibilidade, conseguindo imprimir-lhes forte sabor, nacionalista e um marcado acento de modernidade.

Recentemente em Madrid, no Teatro de la Princesa, gentilmente cedido pelo Governo Espanhol para tal fim, realizou o insigne músico o seu primeiro concerto, que constituiu não só uma brilhante página de glória a juntar às muitas de que já conta o seu longo historial artístico, como também uma grata manifestação de portuguesismo, que Madrid soube apreciar em todo o seu valor e no seu justo significado.

Ante um público selecto do mais destacado da sociedade, crítica e intelectualidade madrileña, onde se via S. A. a Infanta D. Isabel, o presidente do Governo Espanhol, general Primo de Rivera, ministro da Instrução, sr. Callejo, governador civil de Madrid, director do Conservatório, embaixador de Portugal, consul geral, alto pessoal da Embaixada, artistas, escritores, etc., apresentou o nosso artista um variado programa, todo elle formado com obras da sua autoria, que foi atentamente escutado e aplaudido com vivo entusiasmo.

Para se poder avaliar do sólido prestígio que Oscar da Silva goza nos meios artísticos espanhóis, basta dizer que um dos seus quartetos foi admiravelmente interpretado pelos insignes professores do Conservatório de Madrid, alguns deles já applaudidos pelo público português, srs. Júlio Francés (violino), Odón Gonzalez (2.º violino), Conrado del Campo (viola) e Juan Casaux (violoncello).

Vejamos o que sobre esta obra nos diz Adolfo Salazar, o competente crítico de *El Sol*, cuja opinião é sempre a preferida pelas modernas gerações do vizinho reino:

«Uma fantasia para quarteto de corda intitulada «Ella...» recorda-nos certo tipo de música post-romântica procedente de impressões concretas, que o autor desenvolve com notório sentimento e intimidade de acentos. Esta página, sem dúvida uma das mais notáveis do maestro português, foi tocada com affecto pelo Quarteto Francés, cujo violoncelista titular era substituído por Juan Ruiz Casaux.»

Oscar da Silva — diz ainda o exigente crítico — é um dos músicos cuja obra está dotada de uma fragrância e que conserva a frescura do momento em que viu a luz, muito especialmente se for evocada por intérpretes prestigiosos, entre os quais nenhum com me-



O compositor português Oscar da Silva

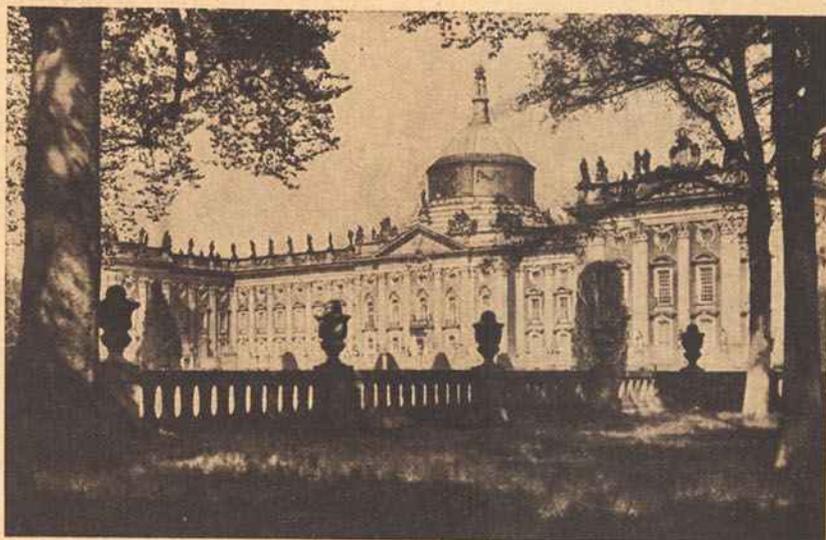
BERLIM

E

POTSDAM

O FORMIGUEIRO DE BERLIM

A CIDADE DOS MONUMENTOS,
TRABALHA E DIVERTE-SE—A
FANTASIA DOS RECLAMOS—OS
PARQUES IDÍLICOS DE POTSDAM



O Palácio Imperial de Potsdam



Automóveis em trânsito numa praça berlinesa

A Sinfonia duma grande cidade com que a Ufa, num frisson de imprevisto, aguçou a sensibilidade dos portugueses, não foi uma blague de cinema, arquitectada, em scenografias de efeito e com trucs de filmagem, no torvelinho do studio. A película, que é um documentário nervosamente coligido, põe-nos francamente ao corrente da vida de Berlim, confirmando a sua importância, e numa apresentação que constitui uma síntese fulgurante do Baedeker.

Tomar contacto com a capital do Reich é estimular os nervos pela forte tensão duma corrente eléctrica. Imensa babilónia, justificada em expressões de ruído e de cor.

Cidade de trabalho — o esforço de laboratório e de oficina, a acção latente e produtiva, que ao aflorar no exterior, comunicando com uma incomparável rede comercial, atinge aspectos de grandeza, impondo-se vitoriosamente como uma força consciente do seu valor.

Cidade mundana, — com progressivos acentos de cosmopolitismo, entrelaçados com afirmações saudáveis de cultura física, — placard do vigor dum povo — representada na acumulação duma multidão que regorgita nas piscinas e nos campos de desporto sob a acção isolada do sol, ou nos teatros e *dancings* batidos de luz e de colorido.

São quatro milhões e meio de habitantes que se acotovellam na extensão quilométrica dos *boulevards*, formigam nos grandes estabelecimentos, estacionam nos centros de prazer e movimentam os múltiplos factores da locomoção urbana.

Duas horas de *taxi* para uma rápida impressão de conjunto é recolher no *kodak* do espírito uma soma considerável de detalhes fisionómicos do exterior. Desliza-se sem programa. Descobre-se o *Reichstag* com os seus quatro torreões guarnecidos dum friso de estátuas equestres. Em frente, luzindo ao sol, a figura da Vitória dominando do alto duma coluna. Atravessa-se *Brandenburger*, irmão gémeo do *Carrroussel* parisiense — o arco ansiado desde 70 pelos franceses para um desfile marcial, em atitudes de triunfo. Desemboca-se na praça de Paris, marchetada com buxos lindíssimos. E a sucessão de parques, verdadeiras aguarelas, não pára. A avenida das *Tílias*, floração macissa fechada entre edifícios severos de tristeza e de assinalada imponência. Alinham-se estátuas dos Imperadores da Alemanha entre arvoredos e taças de bronze onde a água canta em ritmos harmoniosos. Outro parque, com as suas alamedas adornadas de monumentos alegóricos à caça e a espécies raras de animais. Recortam-se perfis de edifícios. A *Rathaus*; os museus *Schlossbrunche*; do exército, nacional; a igreja da Vitória



O Castelo da Cidade de Berlim

que é um documento irregular dos recursos arquitecturais do *kaiser* Guilherme II; o palácio presidencial onde, com a austeridade dum monge, se isolou protocolarmente Hindenbargo; a *Ustein*, quasi um arranha-céus, etc.

Em Wilhelmplatz o *taxi* encalha perto de quatro raparigas de linha esbelta que fazem com *allure* exercícios de acrobacia ciclista. É um

número de réclamo às *soirées* de variedades do *Wintergarten*. Abandona-se o *taxi* porque a curiosidade atrai o contacto com a multidão. Mais adiante, plena Leipzigerstrass, outro réclamo animado. Seis raparigas sádias, *maillots* negros deixando a descoberto rosadas epidermes, na propaganda sorridente dos discos e gramfonos *Orchestra*.

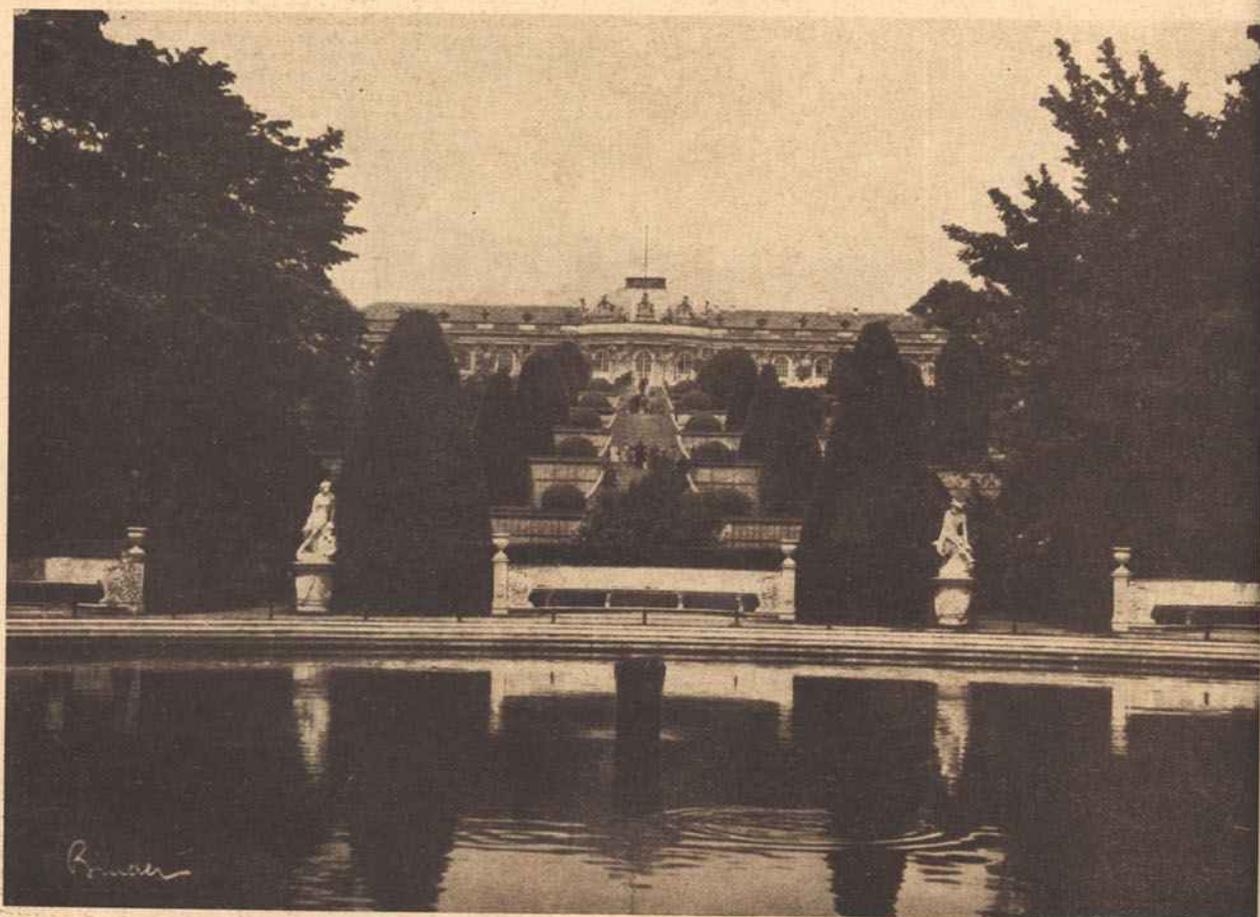
Por tôdas as artérias — multidão que caminha a direito, segura da sua personalidade sem aquele nervosismo dimanado das atitudes rígidas do apogeu imperialista. Em Berlim, como de resto em tôda a Alemanha, após a guerra, calaram, em estilhaços, dos *facies* enrugados os últimos monóculos impertinentes dos *hussards*, entretanto que os *dolmans* berrantes de côres teatrais entravam na catalogação dos museus.

A ausência dessa constante parada militarista estabeleceu na população uma confiança nas suas acções, conferindo ao povo alemão uma existência justa. O eco do militarismo vive hoje quasi sômente nos emblemas e no espírito irrequieto dos *capacete de aço*. As fardas existem, é certo, só nos policias e nos funcionários da segurança e da ordem.

Tôdas as legendas impressivas, que se recolhem na multidão duma grande cidade, ficam incompletas se não se lhes juntar a mulher, nos seus vários *clichés*. As alemãs não tiraram, positivamente, em Paris o seu curso de elegância e de graciosidade tentadoras. Falta-lhes aquela *coquetterie* intuitiva na parisiense que se propaga como uma epidemia dos *music-hall* para o asfalto e para os salões mundanos. Sente-se a ausência das atitudes dengosas e aliantes, tão vulgares nas páginas da *Fêmba* e da *Lo-gue*.

A alemã afasta-se dos exageros. É simples, tem a simplicidade que vai desde a harmonia atraente das *toilettes* às várias maneiras de se movimentar na existência. É prática. Enfrenta o problema da vida friamente, sem indecisões e com método.

Pondo de parte a mulher rica, na generalidade, a alemã, mulher-povo, que se agita ligei-



EM POTSDAM. — A escadaria que conduz ao palácio de Sans Souci

ramente no *bravura* cidadão, estuda e trabalha, sem deixar de compensar os esforços mentais ou físicos com a alegria despreocupada dos divertimentos. Luta pelo pão, — tão difícil após a guerra! — nivelada ao homem pelo mesmo sentimento de produção, — actividade constatada flagrantemente, a todo o instante.

As maiorias dos lares, pequenos interiores adornados com uma elegância fácil, não têm criadas. Métodos domésticos simplificados evitam esses encargos. Não existem preconceitos. Existência independente, hábitos livres. Não há o receio do olhar de censura bisbilhoteira. Domina o culto pela vontade. Trabalha com os músculos e com o cérebro, de manhã à noite, sem contudo se masculinizar. A mulher permanece sempre tocada por um leve fluido de ingenuidade e de encanto são.

As mocidades são verdadeiros *placards* de pujança física. Côres sãs, bustos esbeltos, sorrisos demorados, francos e de serena alegria.

As alemãs têm o culto do ar livre. Enamoram-se do sol quando ele surge a animar a floração dos parques, a aquecer os corpos em agitação na suavidade das piscinas. Adoram os múltiplos desportos, praticando-os com inteligência e no anseio de manter a pureza da raça, porque a mulher alemã é, apesar de tudo, na sua vibração patriótica, uma grande força do povo germânico.



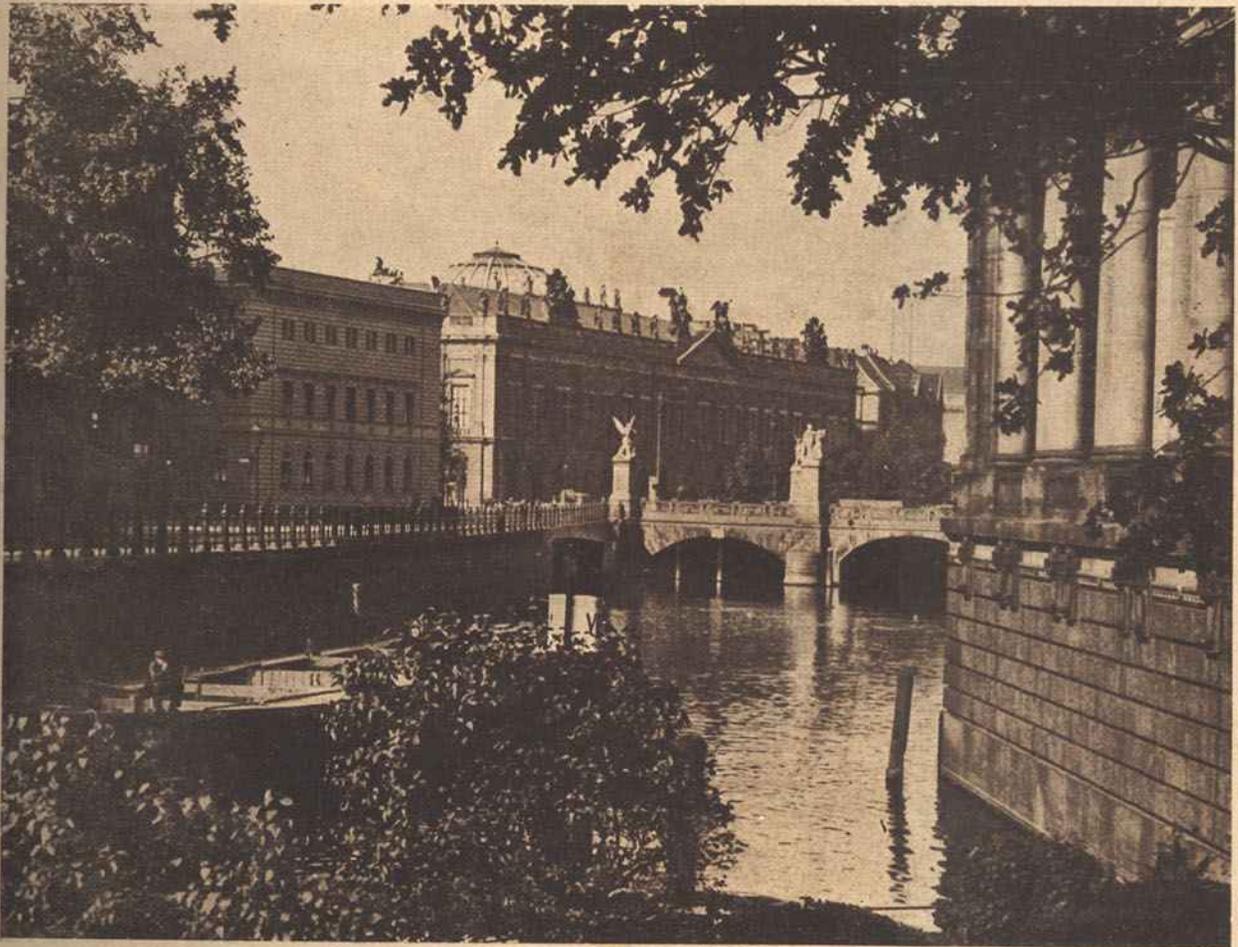
O Castelo das Larangeiras, em Potsdam

Potsdam, a cidade antiga vizinha de Berlim, é um recanto idílico, um refúgio para os que vivem, simultaneamente, na febre do trabalho e na vertigem do prazer. Potsdam é a cidade dos

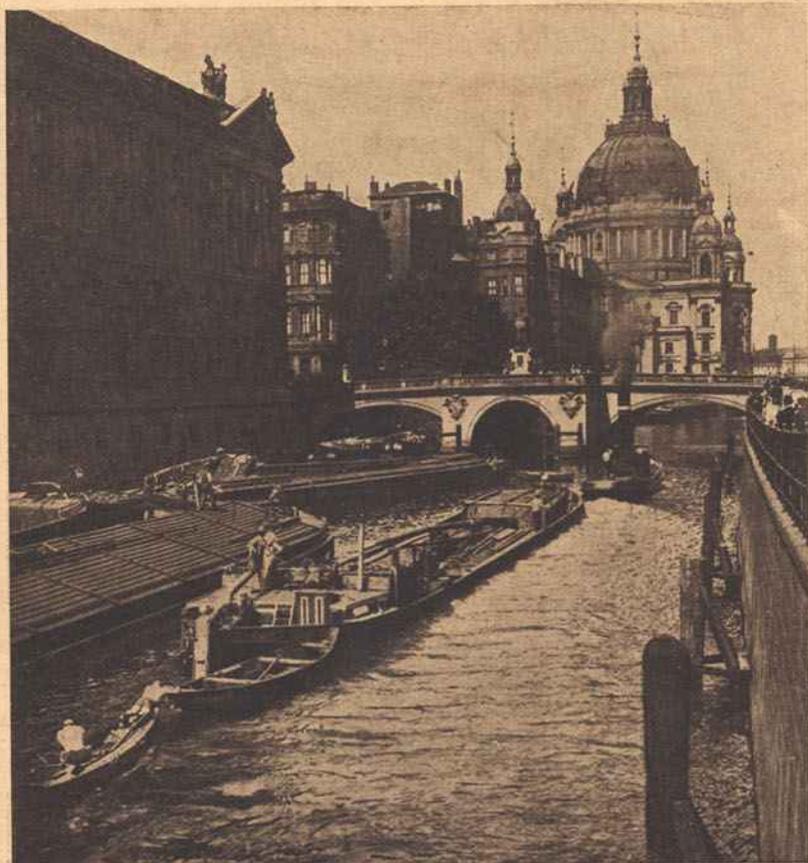
castelos e dos parques, a tradição e a lenda adormecidas no silêncio do passado. O castelo das Larangeiras, o castelo da cidade, o monumental palácio imperial, aformoseado em 1755

por Frederico, o Grande, o teatro de espectaculosas paradas militares.

Os jardins de Potsdam são irmãos gêmeos dos de Versailles na sua disposição arquitectó-



Museu Nacional de Berlim e o canal que lhe corre em frente



BERLIM. — Canal fronteiro ao museu de Schlossbrücke

nica. Tem recantos que lembram Queluz e Monserrate. Os seus jogos musicais da água assemelham-se aos dos jardins da Granja, de Segóvia.

Sans souci, no alto da sumptuosa escadaria, é uma reprodução do estilo Luís XV. Teatro de antigas aventuras galantes está hoje convertido num museu de sugestivas e históricas preciosidades. A sala dourada da biblioteca, com as características dum *boudoir* elegantíssimo, guarda nas suas estantes de cristal um autógrafa, mas de Voltaire e um exemplar raro, mas dos *Lustadas*.

Fora de *Sans souci*, lá está ainda o famoso moinho, de velas abertas, a atestar os direitos cívicos do cidadão, o respeito inflexível à lei.

O grande palácio imperial de Potsdam tem a magestade das grandes catedrais. Perto, num pavilhão acariado por maciços de arvoredo, repousam as cinzas da imperatriz Vitória Augusta, a primeira mulher de Guilherme II. É uma página de novela, impressionante de sentimento. É uma nota melancólica a avolumar os grandes silêncios dos parques da antiga moradia das figuras austeras dos últimos imperadores da Alemanha, prolongados silêncios, quebrados de quando em quando com os risos musicais de alguma loira *fräulein* — espírito fechado à tradição, sorriso saudável da hora presente, olhar confiante no futuro da raça...

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

(Fotos de: Binder, Pressphoto, Rudolf Obigt, Dinges, August Rumbucher jr e Stoedtner.)



EM BERLIM. — A célebre Porta de Brandenburgo e Praça de Paris

COMO SE VESTEM AS ESTRELAS

Um dos poderosos aliciantes do cinema para as cinéfilas e os cinétilos, que não entrem com as subtilezas dialécticas e fantasmagóricas de Paul Romain ou do sr. Ribeiro, é a beleza dos intérpretes dos filmes. Os homens, êsses galãs ideais, varonis, nobres e belos, suscitam paixonetitas às meninas de quinze anos. Mas as *star* as *estrêlas*



EM CIMA: — Gwen Lee passa por ser a mais refinadamente elegante das artistas de Hollywood. Vejam a elegância desta *toilette* negra, em *georgette*, generosamente decotada...

EM CIMA: — Tamara Stezenko usa a *toilette* mais simples, ligeira modificação da que Eva usou... no Paraíso

A ESQUERDA: — Renée Adorée provando um vestido novo, de belo *lamé* prateado que realça o encanto da dama opulenta e cáldia belésa

NO OVAL: — Uma *beauté* loura que os homens preferem; Ruth Chatterton, com um formosíssimo e distinto traje de seda brilhante *salmão*...

do firmamento do cinema mundial não só apaixonam adolescentes desprevenidos como obtêm a admiração entusiástica de homens ponderados e sérios, dignos pais de família, conquistando ainda o supremo galardão da inveja

de todas as mulheres pelas *toilettes* sumptuosas ou gracios que soem apresentar nos seus filmes. A belésa plástica reforçada pelos encantos das *toilettes* para elas criados pelos modistos de Paris, Berlim ou Hollywood, fica, em breves exemplos, arquivadas nestas páginas, repositório de belésas e graciosidade.

E fica nos nossos lábios a pergunta: Qual é a mais bonita e qual a que melhor se veste?... Mary Glory, Lil Dagover, Renée Adorée ou Tamara Stezenko, entre as euro-



NO OVAL: — Mary Glory appareceu assim em «Monte-Cristo» e ninguém dirá que este traço antigo fica desgraciosamente à sua belésa moderna.

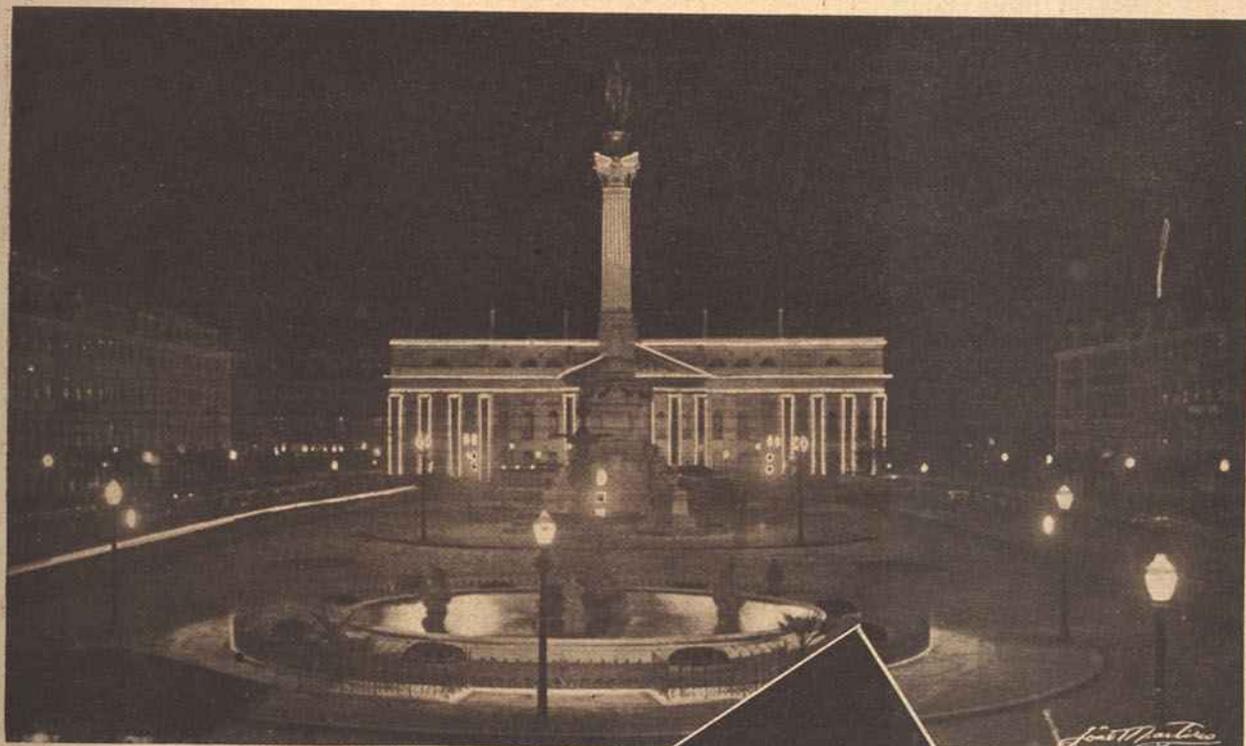


NO OVAL DA DIREITA: — Um decote em bico e um par de argolas que podiam ter a legenda «Tentações...» atendendo ao manequim



peias, ou Gwen Lee, Anita Page, Ruth Chatterton entre as americanas... Ou será a chinesinha?... E se não se vestissem?..

EM CIMA: — A belésa capotosa da morena Lil Dagover fica bem com os traços antigos, os traços sumptuosos com que nos surgiu em «Monte-Cristo»
A ESQUERDA: — Uma das últimas cestrélas reveladas em Portugal, Ana May Wong, a linda chinesinha que vimos em «Vidas trágicas» da British, prefere, a qualquer outra, a sua indumentária típica, chinesa... e devemos confessar que nada perdemos com isso



O SONHO DE LISBOA

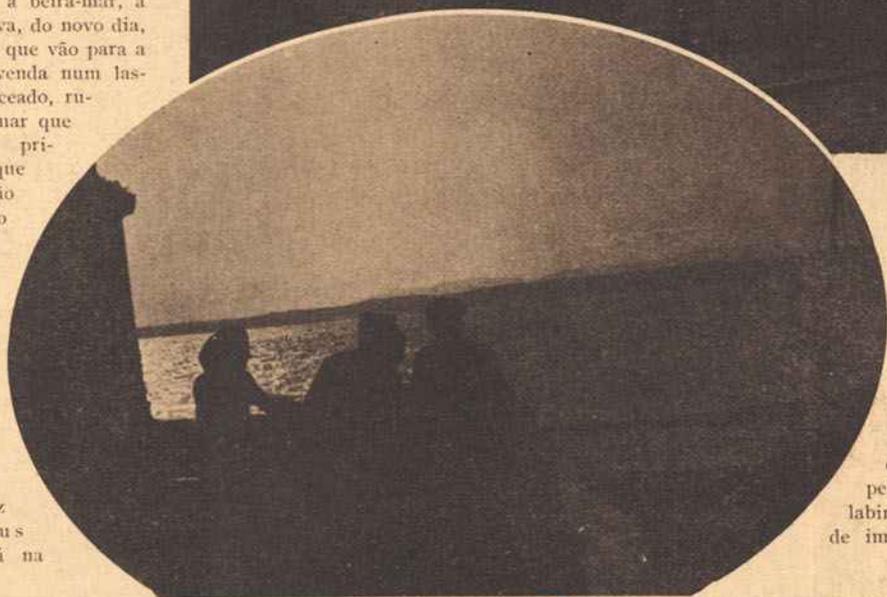
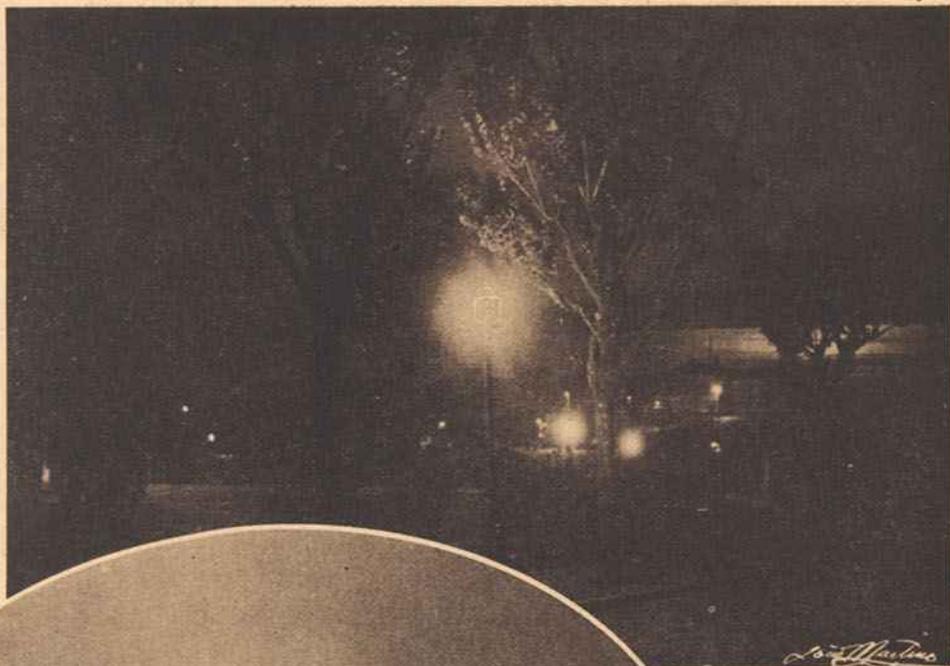
AMANCIO R.
CABRAL

(FOTOS
DE ARTE
DE
JOÃO
MARTINS)

Lisboa já dorme à moderna. A sua modorra nocturna, o seu repouso, já não é abacial, burguês e descuidado. Isso acontecia antigamente quando as sombras pairavam avassaladoramente, de noite, sobre a cidade tranqüila espalhando o silêncio solene, magnífico, sob o qual arfava

a urbe, respirando, pacata, com o barrete de dormir do Zimbório da Estrela, a cobrir-lhe a calva dos jardins sem árvores. Hoje, cidade já dorme à moderna, o que, mais sinceramente, quer dizer que não dorme. Hoje, a cidade raro passa pelo sono, tresnoitada sempre, olheirada de fadiga, sobressaltada e inquieta. Noite em fora, pelas ruas e praças as buzinas não cessam de rasgar a noite em alarido, a repiquetear nervoso dos «eléctricos» crispa es nervos da mole do casario, acordando em cada célula um estremeção mal humorado. E a luz?... A luz cegante, insistente, dum brilho crú e frio de fatalidade, corre por tôdas as ruas, escorre por tôdas as empenas, gotejando por beirais e vidraças, brilhando, rebril-

lhando, lucilando, reflectindo-se aqui para bailar acolá, numa montra ou numa cornija, numa apoteose nocturna, indescritível, num lantejoilar perene, torturante, que cega, que mata... E até pelas praças longínquas que, outrora, pelo lusco-fusco, tinham adormecidos os seres, as estátuas e o arvoredado, vai agora um espadanar de luz que afugenta os tenros passaritos do Senhor. No rio, à beira-mar, os focos electricos enodoam, a alastrar a luz como azeite, o veludo negro da noite. As estrélas já não se vêem, são como que bordados velhos de prata que o tempo comeu... a pardalada chilreia pelas árvores, até tarde, sobressaltada e affita e o seu ruído dura até que começa, à beira-mar, a nascer a vida nova, do novo dia, peixeiras juncaes que vão para a lota ou para a venda num lascivo passo balanceado, rudes homens do mar que desamarram as primeiras barcas que cruzam o rio e vão cortar, com o gume acerado da sua vela latina, uma talhada negra no sol de fogo, que vem lá ao fundo, para as bandas de Vila Franca, muito inchado, frio ainda, a anunciar a luz bendita de Deus que amordaçará na



cidade inteira, zombando dela, a luz agora mesquinha de lâmpadas e arcos e reflectores, a desfalecer de anemia, de clorose...

Lisboa fradesca e soturna, cidade dos becos, escadarias e vielas; velho conglomerado de fachadas musgosas, roidas pela lepra do tempo; Lisboa labirintica, tortuosa, fedendo de imundicie pelos cantos frequentados da gataria lazarenta; cantando ao sol nas nesgas de horta e quintalinho palreiro; Lisboa embandeirada alegremente de roupa secando à aragem fagueira do rio; Lisboa velha da Alfama da gente marítima e da Mouraria dos faias e severas; Lisboa escura, beata, velha e resmungona ao progresso... Lisboa, solteirona passada e amolecida, como tu eras bonita, a pesar de tudo, quando ainda dormias e as franjas do arvedo fresco, espalhado pelos jardins antigos, te punha uma sombra violeta de cansaço voluptuoso, como as pestanas dum amante riscando o arroxado das olheiras sensuais!!!



a boda do meu caseiro novo

Vai daí, um dia, resolveu casar o rapaz dos meus caseiros!

Moço de vinte Agostos, em derriço velho co'a Laura, uma das vergôntes do Mannel Parente, lavrador de barbas grisalhas e pardas letras, à sua pujante virilidade, cujo refólgo opressivo de continuo fruiu a esca-deada tentação das bambaleantes raparigas do povoado, pesava o platonismo do namoramento cortês.

Certo domingo, Avé-Marias rezadas no fim da missa, leu o senhor abade os primeiros banhos dos dois conversados. De vez arregalou os olhos o gentio da freguesia, quanto ponde as orelhas perfilou, e, de cariz intrigado, caiu a ruminar a nova recebida de supetão. Caso era que ninguém tão cêdo a futura, e tão de arrancada, com a qual até os mais achegados de pasmo se tomavam, pois nem a eles, sequer, haviam confidenciado os noivos a trigança no seu recebimento. Por isso, logo os murmurinhos maléficis se desdobraram em acelerada dobadura e se deslinguou a bôca farta de maledicências do mulherio, enraivado com o segrêdo tão bem mantido.

Nem aos velhotes dera parte o moço do grave intento e, assim, a alma lhes caiu aos pés quando ouviram os inopinados proclamas, deixando-os entupidos, sem pinta de sangue nas caras resequidas por meio século de nortadas.

Cantê, podia lá ser! Por fim, exclamou a mãe, mulher feita só de nervos, trabalhadeira como mais nenhuma. Ante a evidência, desabafou então o grande assanhamento que lhe referia lá no interior e um admonitório escandecido, trecheio de invectivas e recriminações doridas, puniu a falsura do mancebo. Pois, o maroto, não tratara de tudo às escondidas dos pais, que tanto por êle sempre se sacrificaram! E não só não lhes pedira licença como os sujeitara à vergonha da surpresa, da qual, santo Deus!, os podia livrar com um aviso antes da missa! Já era grande maldade e ingratidão! Então, já que assim praticava, que se arranjasse como pudesse, pois êles nada lhe davam, nem da bôda queriam saber!

Dê orelhas caídas, encolhido com tão moftina saída de sua aventura, ouvia o rapazola os irados fulamentos que a indignação materna desta e doutras maneiras vibrava contra o seu êrro.

O pai, o João, homem de bovina calma, bom exemplar de honradês simples e rude das gentes de outrora, guardava silêncio, mas as lágrimas, flores da tristeza, bailavam-lhe nos olhos anojados pelo menoscabo do filho. Só de quando em quando botava à companheira um arrastado deixa lá, deixa lá isso, no desejo amigo de vê-la asserenada.

Como vendido andou o moço durante alguns dias ante o aparente desinterêsse, o

fingido desdem, que lhe manifestavam os velhotes. Cavava a sua tarefa, mas o caldo só até meio o engulia. Ora tal apoquentava os pobres pais que, a despeito do agravo, lhe queriam com a mesma amisade. Afinal, o tempo, físico de tôda a confiança da Natureza, fêz amainar a borrasca dos ânimos paternos e, aos poucos, com adjutório das pequeninesas da faina comum, restabeleceu-se a cordalidade, voltou a confiança. Nem, até, eram capazes de rancores vivos os lealdosos velhotes, que em boas águas lavavam seus corações, ademais do grande amor de raiz que sempre ao filho tinham votado.

Prestes o dia da boda se aproximava. Toca, pois, a mandar cair-lhe a casa, afim de a terem branca e fresca, em vigoroso contraste com os seus rubentes e cálidos amores de noivos. Na imprevidência da idade juvenil, parcos são os seus arranjos domésticos; a febre do ajuntamento não os deixa montar os apetrechos precisos à vida acasalada. Vão um tanto como as aves... ao acaso.

Vivo e álcere como pintasilgo solto, des-ponta o grande dia. Às onze horas vão-se reunindo na igreja, tôda vestida com alvo manto de cal, os convidados por obrigações de amisade e mais a parentela. Num geito de acanhamento, disfarçado com sorrisos mal abertos, surgem os nubentes, cujas impaciências risonhas manifestam o apetite de que asinha corra a cerimônia, pois só





outro ar mais desafogado os libertará de maliciosas miradas e palavrões azevieiras, borbulhantes de equívocos sentidos.

Primeiro, reza o senhor abade a missa; executa, depois, a função de abençoar o ligamento de corpo e espírito do par ajoelhado, à qual não falta a rancida e visguenta prédica, cem vezes remoída, ufanosa e paternalmente. Trocam-se as alianças — élos de grata algemação; a estola cinge-lhe as manúpias no sentido de jugo perpétuo. Eis, assim, os dois amantes integrados legalmente na boa e natural harmonia da multiplicação da espécie.

Ao erguerem-se, logo o marido arranca do peito da desposada o simbólico ramo de laranjeira e, apressurado, vai depô-lo no altar da Virgem, tal manda a lei da terra, com seus vestígios pagãos. Começa, então, a descarga dos confeitos a rufar sobre os casadinhos, enquanto eles, impávidos, recolhem as bênçãos de pais e sogros. Esta artilharia, quer dos confeitos meudos, quer dos graúdos, não deixa de molestar quando bate rijo na cabeça ou na cara. Mas que dizer se o costume é esse há um rôr de anos?

Vai medrando a folgança da companhia. Luzem os olhos e salivam as bôcas, que breve a jantaráda será posta à prova dos dentes vorazes e dos potentes estômagos.

De longada para casa do Manuel Parente marcham os noivos com seu acompanhamento. Bradeja e demanda o rapazio, gralhador, sujo, insurrecto, pela côdea. Salta a côdea para este, para aquele, para todos, afinal. O fartar, na verdade, é nos casórios, que obrigam à distribuição alimentícia da côdea. Das sacas recheadas, suspensas dos braços das raparigas, irmãs e amigas da noiva, saém os pães de trigo aos pares para cair nas garras da cachopada. Entretanto, os jovens da companhia, gente de incruentas sanhas mavórticas, não deixam quebrantar o fogo de sua artilharia, com o que os confeitos cortam tôdas as direções, batem nuns e noutros, dos quais irrompem gritos e ais doridos quando atingidos em lugares sensíveis. Os gaiatos, que não perdem bocado, pulam, agacham-se, brigam e esmurram-se, a ver qual deles faz maior colheita das bolas de muita farinha e pouco açúcar, diversicolormente pintadas.

São horas de abancar, pois os estômagos já bradam contra o jejum demais apertado. A mesa é pequena e muita é a gente; mas lá por isso, aperta daqui, aperta dali, mais um geito, mais um ajuste, todos cabem, porque todos precisam de comer.

Há um minuto de silêncio, o silêncio dos grandes e graves lances da vida.

A sopa, ei-la que chega, e pelos ares espargem-se as capitosas recendências de suas ôllhas vaporíferas. Malgas limpas, vasadas, do caldo restaurante, novamente prorompe o alvoriço, o qual progride tanto quanto proliferam as libações do fresco e âlacre verdasco da terra. Pouco decaí, até, nos momentos de maior actividade deglutidora. É que a boa gente deixa correr à vontade, fora de convençionais e esterilizadas peias, a maré-alta de seu contentamento, de sua satisfação.

Surge, depois, fumeante, o cosido e o arroz, sem falta do porco, da vaca, da galinha, do salpicao e do chouriço, das batatas e da hortaliça, conforme a genuína lei portuguesa. O nosso regedor, jovial e folião como um grilo ao soalheiro, firmemente investe com as galinhas e trinchas ao natural, às mãos ambas. E caso é para dizer que logram melhor sabor!...

Servem as moças irmãs da noiva a fome e a sede — oh, que sede profunda! — dos convidados, que ao jôgo de suas chalaças e à juvenidade de seus risos misturam avondo as descargas dos confeitos. Para a sede carregam de continuo os hojudos cangirões, que, uns após outros, despejam os caboços; para a fome, acarretam as travessas de cabidela de miudezas, do macarrão com carneiro, do carneiro-guisado com batatas, e, por contrapêso, do cabrito assado e de mais vaca e galinhas, assadas, agora.

Não foi, à certa, um festim de Luculo, mas foi, sem dúvida, uma jantaráda à boa portuguesa, à tradicional moda minhota, uma jantaráda descomedida, que só nos brutos fôlegos da infinda voracidade do luso encontra a respectiva parelha, o vasão pertinente, a qual, quando calha, devora dez, doze e quinze ignarias numa refeição única.

Esburgados os últimos ossos, gorgeoladas as últimas pingas, ardem os fortes uns atrás dos outros — como é da praxe na mocidade em manifesto de grande *borga*, — cuja fumaçeira, densamente enovelada, turveja e abafa o ambiente.

Descêi a tarde. Horas são de que os desposados partam para a sua moradia. De novo se forma o cortejo que os acompanhará até ao novo lar, cujo percurso se efectiva com folgazona estralada, ou dele não participassem o tio António Bispo, o Zé Lombo de Pau, o Chico do Carro, o Manel dos Poços, o Quim da Ferradeira, uma sácia, enfim, tôda catita e da mais animada.

Metros antes da casa apruma-se o arco festivo, por amigos e parentes alevantado, como prova de regosijo e sinal de luxo, pois cá o lavrador também gosta de luxar. Compõem-no duas grossas e altas varas de pinheiro, ligadas por várias travessas; um varandim resalta a um terço de altura, em cujo meio outra vara, de tópo engrinaldado, se firma. Sob êle queda a mesa das saúdes, fartamente recoberta com alva toalha de rendas e provida com uma garrafa de vinho fino. Cordões de flores naturais e artificiais rebuçam por completo varas e travessas; nos cimões do arco trapejam vivazmente bandeiras garridas.

Ao abeirarem-no, sentam-se os noivos à mesa, voltando-lhe as costas, e enchem os cálices de vinho, os quais, depois de trocados e oferecidos, por cortezia, à sociedade, bebem à própria saúde, enquanto flores desfolhadas, que tenras mãos de crianças deixam tombar do varandim, os victriam festivamente.

Em casa, as famintas curiosidades tudo vasculham e farejam com o maior disvelo, sobretudo no quarto nupcial, pois há que fartar o soalheiro do dia seguinte. Afinal, à parte a ampla cama, erguida a grande altura, com seus lençóis novos de fresco linho, suas travessseiras bordadas e sua coberta de ramagens com largo roda-pé de laboriosa franja, feita, segundo manda nesta solenidade o código da terra, pelos pais do noivo, minguardo é o receio do mesmo. Na cama se concentram as cuidanças dos noivos.

Desde que a tenham, podem casar, porquanto o resto não faz falta.

Os espíritos, porém, estão vivificados e logo pegam de estaca as falanças, estimuladas e apoquentadas por novas libações do tinto, que é bom duma vez. Ora este, ora aquele, toca a brindar à saúde dos desposados, o que, além de animar a companhia, já mui leda e zanguizarrenta, propicia o conforto estomacal dos convivas, expresso nas côres vivazes, rúbeas, das caras, na barboinha dos parolamentos e nos trebelhos maliciosos e afoitos de moços e moças. Até o senhor abade — santo Deus! — acompanha jucunda e galhofeiramente a sácia. Que boa maré lhe corre hoje, hein?!

Maç não há remédio senão debandar, que a noite vai enegrecendo os ares. Além de cumprir recolher a penates, é mister deixar em descanso quem tantas perturbações curtiu no dia, a fim de que em boa paz seja bem praticado o mandamento da escritura, o da multiplicação da espécie.

E eis aqui como foi o casório do Manuel Perestrela, filho do João Perestrela, antigo criado da casa dos Perestrelas, da antiga e nobre vila de Ponte de Lima, e era meu caseiro, o que relato para conhecimento dos vindouros e por ter sido verdade, como testemunho.

CARLOS DE PASSOS.





Tragedias da Vida Vulgar: O Anel.

POR W. FERNANDES FLORES.

(O humorista — quando merece verdadeiramente este nome — é sempre um sentimental... que se envergonha de o ser e que esquivia à humanidade o espectáculo superior do seu coração descarnado; a parte da humanidade, pelo menos, porque, áquela que o sabe compreender, o humor não lho oculta. A época em que vivemos não se compadece com lágrimas. Agitado o sentimentalismo como uma debilidade inferior, foi mister encontrar-lhe uma expressão moderna e elegante. Daí, o humor como uma das características determinativas das correntes artísticas actuais. Wenceslao Fernandez Flores é bem um humorista do seu tempo. Os seus sorrisos, que por vezes causticam, são sempre, para aqueles que chegam além da «mímica», uma forma amável de ternura e emoção. Na deliciosa novela que hoje publicamos e com a qual damos a conhecer aos nossos leitores um novo aspecto da obra do grande escritor espanhol, o humorista deixa a descoberto os valores poéticos da sua sensibilidade, matizando-os de carinho, de observação e de encanto).

Entrou. Luísa levantou um pouco a cabeça para o olhar com uma complacência contida no fundo dos seus olhos serenos.

D. Soledade suspendeu o manejo da grande agulha com que urdia um lavor de crochet. Ele estendeu-lhe a mão.

— Bem, obrigada. É você, Ernesto?

Sentou-se numa cadeirinha baixa ao lado da rapariga. Olharam-se, sorridentes. Houve o obrigado instante de tímidos que éle consagrou a tirar escrupulosamente as luvas que, ao fazer a visita diária, nunca lhe faltavam nas mãos um tanto disformes. Parecia-lhe realçar assim o seu aspecto vulgar. Muitas noites, antes de bater à aldrava, detinha-se diante da porta para reparar o esquecimento de não se ter enluvado.

Agora, dobrando-as, guardou-as cuidadosamente. A noiva voltou a inclinar a cabeça sobre o trabalho, e pronunciou a primeira frase de colóquio com um tom, que o carinho tornava confidencial, de segrêdo:

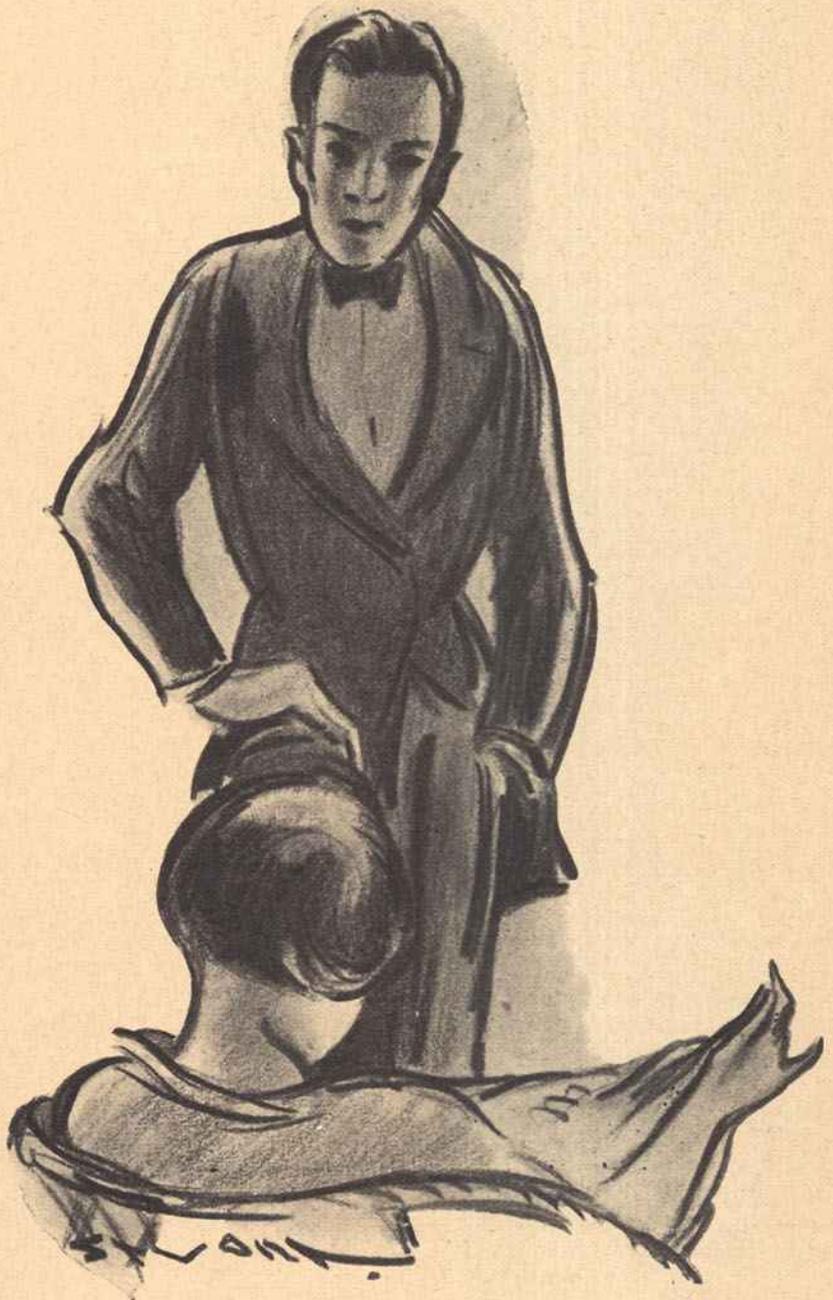
— Que há de novo?

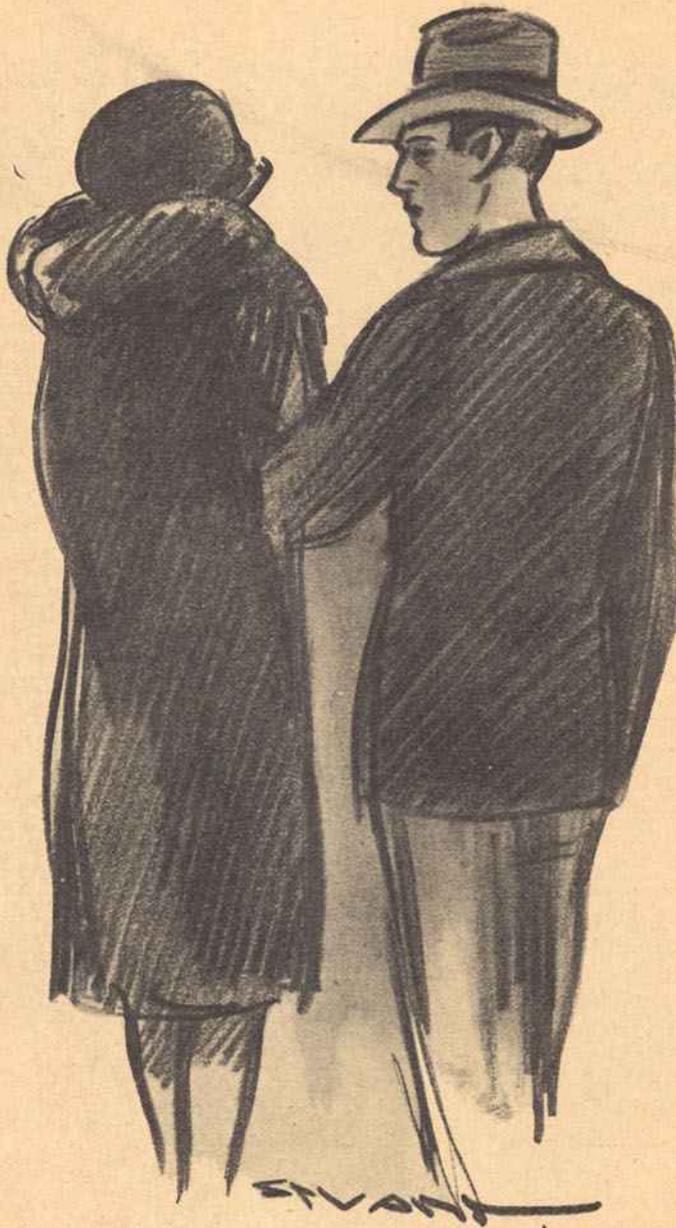
— Nada.

Nada. Nunca sucedia nada transcendental;

o escritório, o passeio e a espera impaciente porque chegasse a hora de ver a Luísa. Nos domingos, alterava-se um pouco a monotonia plácida da vida. Ele caminhava, orgulhoso, ao lado da noiva aformoseada com o chapéu

três vezes reformado, com o seu único vestidinho de passeio, cuja longa vida aquela rapariga sabia remoeçar com algum ardil





negros olhos e o corpo gentil, adorava na Luísa um certo quê de superioridade de espírito, certa intuição de elegância que existia nela — impressão, talvez, de tempos, já distantes, de prosperidade. O Ernesto recebia o seu carinho com humildade de gratidão, com submissão de inferior, que às vezes o levava a sentir-se coibido repentinamente na presença da noiva.

Houvera beijado aquela mão delgada e fíbia, que agora acariciava entre as suas... Inclinou-se sobre ela, e perguntou, de súbito, estranhado :

— E o anel? Porque não trazes o anel?

A rapariga corou como se todo o seu sangue lhe afluísse às faces suaves. Afirmou, balbuciando :

— Não... Hoje não o puz... Tenho-o guardado.

E houve tal turbação no seu rosto, tal tremor na sua voz, que o Ernesto olhou-a fixamente, surpreendido. Ela retirou-lhe a mão, escondendo-a sob o pano do bordado, num ademane instintivo, embaraçado.

O anel de ouro fôra uma lembrança do Ernesto. Meses antes, no dia do aniversário das suas relações, elle levara-lho num estojoso muito *chic*. A inicial de Luísa estava formada sobre o metal com uns diamantes minúsculos. Era o fruto de difíceis e prolongadas economias do amado, e era também a única jóia da amada; ao recebê-la, ela reprimira a alegria que sentiu para dizer :

— Mas isto é muito, Ernesto; é um sacrifício que eu não sei...



engenhoso. Gozava então intensamente com mil minúcias; às vezes, surpreendia nalgum gesto a admiração que a beleza de Luísa suscitava; outras, era o chefe da repartição que, cruzando com êles, levantava um milímetro o seu chapéu; tudo lhe parecia elevar a sua insignificância em presença da noiva. Andavam, andavam, e, de regresso, a Luísa tinha uma cor sã no rosto, e a D. Soledade deixava-se cair, fatigadíssima, no divan onde as molas cortavam o pano; e elle saía com um grande contentamento na alma, cuja tradução visível era o rápido molinete feito com a sua bengala de junco entrelaçado.

Caía agora sobre êles a luz da lâmpada que brilhava dentro do antigo candieiro de petróleo dependurado do teto. O amor não alterava a solene quietude; o seu murmúrio tinha um som de reza. Ouvia-se, de quando

em quando, o morder do caruncho na mesa de pinho... D. Soledade ocultava o seu constante gesto de preocupação, agitando o lavor entre as suas mãos osseas e movendo os lábios simultaneamente, porque contava em silêncio os pontos do crochet.

O Ernesto falava :

— Sabes quem me escreveu? O D. Manuel.

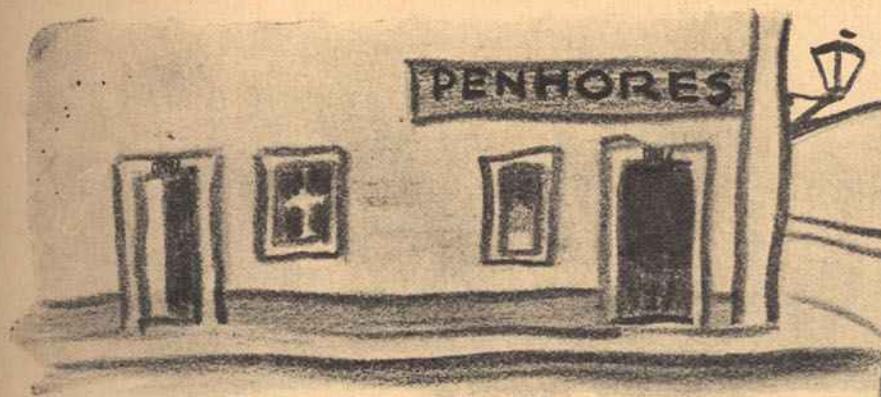
— Ah, sim!

— Sim; mas temos que esperar. Até Junho... meio ano mais! Afiança-me que em Junho subirei de posto.

Ela contemplava-o, jubilosa. Sorriu. Houve um segundo de silêncio. E a sua voz, aletadora e terna, ofereceu :

— Esperaremos. Queremo-nos bastante para esperar, não é verdade?

Ele pegou-lhe na mão, num mudo gesto de reconhecimento. Sobre a carita morena, os



Ele, afogado de felicidade, interrompera :

— Não digas isso; oxalá te pudesse oferecer muito mais!

A scena vulgar terminou com um beijo.

O Ernesto tornou a perguntar, agora um pouco mais sério :

— Onde está o anel?

— Tenho-o guardado.

Havia algo de súplica e de angústia na voz da rapariga — uma angústia subtil. O noivo sentiu uma estranha inquietação de receio. Exigiu foscamente :

— Mostra-mo.

— Para quê?

— Mostra-mo!

Luísa inclinou-se sobre o lavor sem responder. A D. Soledade interrompeu a sua tarefa. Ouviu-se outra vez o ruído da carcoma mordendo a madeira da mesa. O Ernesto insistiu, sentindo formar-se-lhe no íntimo um presentimento ainda impreciso :

— Porque o guardaste?

Ela não levantou o rosto; respondeu com voz muito baixa :

— Caíram-lhe umas pedrãs... mandei-o a um ourives.

— Não é verdade. Tu não tens o anel. Confessa.

Estava um pouco pálido; suspeitava não sabia que mal para o seu carinho. A Luísa, definitivamente vencida, calou-se. Ele esperou um instante; levantou-se, depois, ofendido com aquele silêncio.

— Bem — disse — vou-me embora.

Maquinalmente, tirou as luvas do bôlso. Calçou-as com calma, confiando na sua atitude. Assim, venceria a rapariga. A Luísa não se moveu. Acercou-se-lhe novamente, bruscamente, num arrebato de despeito, para lhe dizer :

— Enquanto não confessares, não voltarei aqui.

E deu um passo. A D. Soledade erguen um pouco o busto na cadeira; a sua voz cansada levantou-se num tom de tristeza :

— Espere, Ernesto, faça favor.

Ele deteve-se um tanto assombrado; a D. Soledade começou a dizer lentamente :

— A Luísa não tem o anel... Ouvi tudo... Mas não quero que a culpe... Nós, bem vê... A pensão é pequeníssima... O senhor não sabe que trabalhamos, que cosemos... A Luísa não quis que o senhor o soubesse. São orgulhos de criança que conheceu outra vida mais cómoda... Desculpe-a, Ernesto... Ante-ontem, não tivemos dinheiro; a época é má... ante-ontem a Luísa não quis que eu ficasse sem comer... Fê-lo sem meu conhecimento... ralhei-lhe. O anel...

A D. Soledade baixou os olhos, que tinham um círculo avermelhado, e com voz um pouco mais trémula, concluiu :

— O anel... está empenhado, Ernesto.

A Luísa arrojou-se no regaço materno; os seus soluços estalaram na quietude da estância; todo o seu corpo, ajoelhado, era sacudido pela angústia numa convulsão nervosa. A D. Soledade poisou as suas mãos frias naquela pobre cabeça angustiada, com um gesto de consôlo e amparo. Ainda disse :

— Mas o anel não se perderá. Perdêe-nos... Segunda-feira receberei a pensão e o primeiro dinheiro será para o resgate do anel... Ainda que nos apertemos um pouco... Segunda-feira sem falta...

Beijou a filha. O Ernesto sentiu um frio subtil correr por todo o seu corpo, como uma profunda angustia; sentiu crescer uma enorme piedade na sua alma; sentiu subir o carinho aos olhos em lágrimas e ao coração em soluços. Avançou um pouco, com uma santa emoção que lhe embargava a voz; teve um desejo veemente de ajoelhar também, de esconder a chorar no regaço da anciã uma pena muito grande, muito grande, e sentir sobre a sua cabeça a frialdade daquela mão amparadora, e chamar-lhe com a voz de toda a sua piedade e de toda a sua angustia :

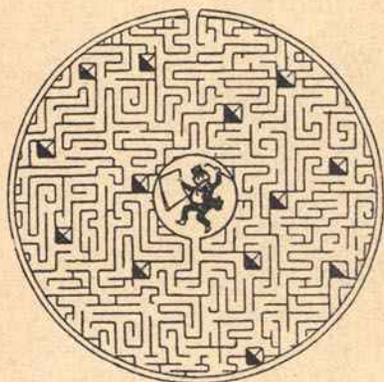
— Mãe! Minha mãe! Pobre mãe!

F I M



Passatempo

LABIRINTO



O sujeito que os leitores vêem na rotunda central do labirinto, numa atitude de quem está exultante, testemunha efectivamente, por tal forma, o júbilo de que se possuiu, por ter realizado tôdas as condições impostas para a sua chegada até ali. Entrando pela única porta que o labirinto tem, e que está figurada numa interrupção do seu contorno circular, passou sucessivamente por tôdas as estações designadas nos quadradinhos a preto e branco, e uma vez só por cada uma, antes de chegar ao seu objectivo, o centro do labirinto.

No próximo número se verá qual foi o caminho que êle seguiu.

PLINIO

— De quem é a menina mais amiga, do papá ou da mamã?

— O mesmo.

— Sempre há-de ser mais amiga dum, de qual é? Diga, que eu guardo segredo.

— O mesmo.

— Ora diga-me uma coisa: se tivesse um bolo muito bom, a quem o dava, ao papá ou à mamã?

— A nenhum; comia-o eu.

GRANDE RECOMPENSA

A dona da casa estava tratando a tôda a pressa de se preparar para ir tomar o combóio.

— Ó Ana, — disse ela para a criada — que horas são agora?

— Três e meia, minha senhora — respondeu esta.

— Ah! — continuou a patrão — julgava que fôsse mais tarde. Ainda tenho vinte minutos para apanhar o combóio.

— Sim, minha senhora. Eu já sabia que a senhora havia de andar numa precipitação, por isso atrazei o relógio meia hora para lhe dar mais tempo.

DEDICATÓRIA

Scarron, um dos escritores de mais espírito e de mais graça do século de Luís XIV, oferecendo a êste monarca a sua obra *D. Japhet de Armenia*, pôs-lhe na frente a seguinte dedicatória:

«Senhor, eu procurei mostrar a Vossa Majestade que não terá de arrepender-se, se me fizer algum beneficio.

«Se me fizer algum beneficio, ficarei mais alegre do que sou; se eu ficar mais alegre, farei comédias mais jocosas; se fizer comédias mais jocosas, Vossa Majestade mais se divertirá com elas, se Vossa Majestade mais se divertir, nunca o seu dinheiro será perdido».

PLINIO

DIVERSÃO

(Solução)



PLINIO.

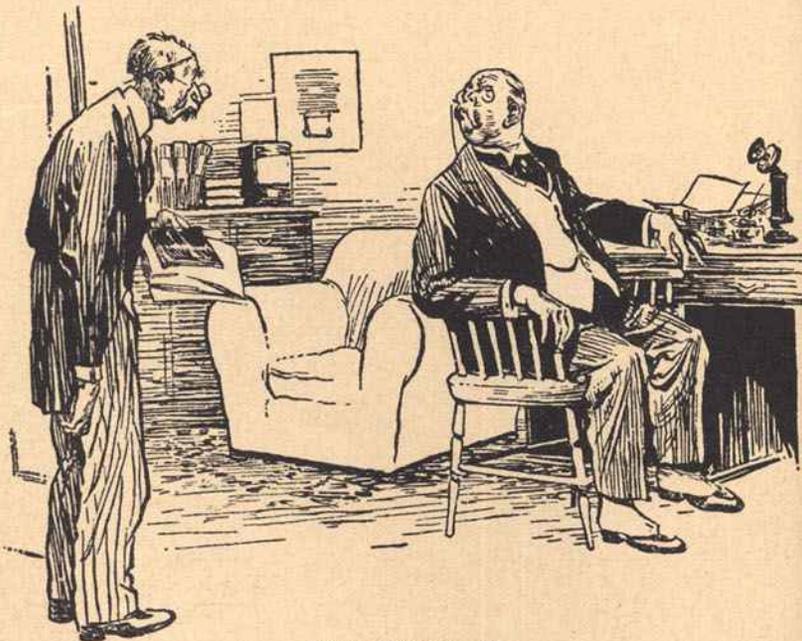
O GALO PRETO

(Experiência óptica)



Chamamos à gravura um galo preto quando os leitores estão vendo um galo branco.

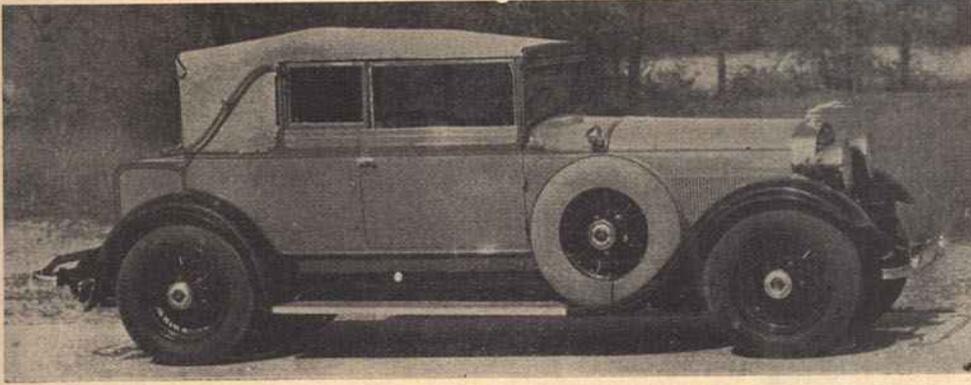
Mas já vamos fazê-lo mudar de cor. Fite-se bem o pequenino losango preto, que está no meio da figura, durante meio minuto, não mais. Depois erga-se a cabeça e fite-se a vista sobre a superfície branca que estiver mais ao alcance, e logo a seguir, aparecerá aí um rectângulo branco, no meio do qual se vê, nitidamente desenhado em preto, o galo da gravura.



GRANDE RECOMPENSA

O CHEFE DO ESCRITÓRIO (para o empregado antigo): — Venha cá, ó Neves... amanhã é dia de Ano Novo e... hum... para lhe provarmos a nossa... hum... gratidão pelos seus... hum... bons serviços durante... hum... mais de trinta anos, passará daqui em diante... hum... a ser tratado por sr. Neves.

LINCOLN



Coupé decaapotavel por Dietrich

ENTRE todos os automoveis, o Lincoln sobressae como o carro de grande luxo e suprema qualidade.

Na sua construcção somente se empregam os melhores materiais. Os operarios mais experientes constroem o seu chassis e o seu motor com o maior cuidado. As carroseries de faustoso luxo e de refinado conforto, são creações de famosos artistas. Todos os adeantamentos da tecnica moderna tem sido utilizados para dotar este carro com todos os aperfeçoamentos imaginaveis.

O seu custo está, naturalmente, em harmonia com a sua qualidade, mas o Lincoln é o automovel das pessoas para quem o preço não é obstaculo para o gozo da sua posse.

Possuir um Lincoln é o sinal de opulencia e distincção.

LINCOLN
División de la Ford Motor Ibérica
BARCELONA



Coches Camiones
Fordson
Tractores

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

Os Dentifricios
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



Conservam-lhe :
Uma maravilhosa
dentadura.
A beleza do sorriso.
A brancura dos dentes.
O alito perfumado.

Eles lhe darão tudo isto.
Não queira outros.

A venda em todas as boas Casas
AGENTES GERAIS STETTEN & C.ª, Lda 118, RUA DA MADALENA LISBOA



Agradavel e Salutar.

Cuide da vossa saude para a conservardes por muito tempo, tomando todos os dias um pouco de saes de fructa ENO, num copo d'agua morna ou fria, conforme se preferir.

O ENO é um producto efervescente contendo muitas das propriedades beneficas da fructa fresca. Laxativo ideal muito suave e inofensivo, o ENO facilita a digestão, estimula o figado e regula o intestino. O ENO vivifica igualmente o organismo e assegura a pureza do sangue. Ha mais de 50 anos que o ENO é considerado como o guarda vigilante da saude.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal :
ROBINSON, BARDSLEY & C.ª, LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "ENO", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos".

Os Tres Melhores
APPARELHOS
de
photographia
estereoscopica

Jules Richard



VÉRASCOPE
45-107. 6-13. 7-13
GLYPHOSCOPE
45-107 6-13
HOMÉOS
27 VISTAS SOBRE PELLÍCULAS

ENVIAR SE O CATALOGO A QUEM O SOLICITAR

S^{te} A^{me} des E^{ts} JULES RICHARD. 25 RUE MELINGUE
MAGASIN DE VENTE 7, RUE LA FAYETTE PARIS

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

O ultimo volume posto á venda é o

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, muito melhorada e abrangendo os mais recentes progressos da industria automobilista.

A mais completa obra do género que existe em lingua portuguesa

DIRIGIR PEDIDOS ÀS:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



COLUMBIA

GRAMOFONES E DISCOS

**SEMPRE ACIMA
DE TODOS!**

**NÃO COMPRE, NÃO FAÇA O SEU
JUÍZO SOBRE DISCOS E GRAFO-
NOLAS SEM PRIMEIRO OUVIR**

**OIÇA UM DISCO COLUMBIA
NUMA GRAFONOLA COLUMBIA**

**E VERIFIQUE A SUPERIORIDADE
ENORME DESTA MARCA SOBRE
QUALQUER OUTRA**

AGENTES GERAIS:

P. SANTOS & C.^a L.^{da}

R. Garrett, 57, 59, 61

R. Ivens, 52-54

LISBOA

DISTRIBUIDORES

NO NORTE:

CUNHA LIMA & LEÃO,
SUC.

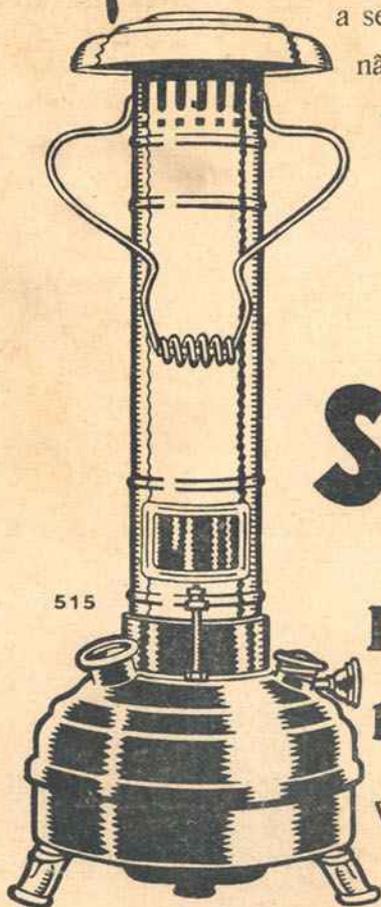
R. 31 Janeiro, 193-199
PORTO



Frio e Vento



Um Calorifero da VACUUM, além de oferecer toda a segurança liga bem com qualquer estilo de mobília e não deita cheiro quando funciona com Petróleo «SUNFLOWER». Ajuda a tornar o lar confortável e contribui para que os homens que andam todo o dia lá por fora não tenham vontade de o deixar logo após o jantar.



SUNFLOWER

Petróleo refinado
para uso doméstico



VACUUM OIL COMPANY

R. da Horta Seca, 17 — Telef. T. 980. Rocio, 67 — Telef. T. 3075